



*FAMÍLIA
E
EDUCAÇÃO DOS FILHOS*

EDITADO POR 

FONTE DOS TEXTOS E RESPECTIVAS IMAGENS

opusdei.org/pt-pt/

FONTE DA IMAGEM DA CAPA

vaticannews.va/

SUMÁRIO

1. A dignidade da família
 2. Ambiente de família, escola de amor
 3. A vida familiar, caminho de santidade
 4. Crescer: um projeto em família (I)
 5. Crescer: um projeto em família (II)
 6. Construir o lar: um empreendimento vulgar que dá sentido ao trabalho
 7. Novas tecnologias e coerência cristã
- Nota final

A DIGNIDADE DA FAMÍLIA

*A família deve ser a primeira e principal escola, na qual os filhos aprendem e vivem as virtudes humanas e cristãs.**



Ao finalizar a obra da criação do mundo, no sexto dia, “O Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo”[1]. Se em todas as suas obras se havia regozijado, na criação do género humano Deus exultou de alegria: vendo toda a Sua obra, considerou-a “*muito boa*”, testemunha a Escritura[2]. Como se o autor inspirado quisesse reafirmar a peculiar ação divina na criação do homem, feito à imagem e semelhança do Criador, pela sua alma espiritual e imortal. O Senhor conferiu-lhe gratuitamente a participação na Sua própria vida íntima: fez dele Seu filho e cumulou-o com os chamados dons preternaturais.

Para que os homens alcancem o Reino dos Céus, a Providência divina quis contar com a sua livre colaboração. E para que essa colaboração na transmissão da vida não ficasse no vaivém de possíveis caprichos, o Senhor quis protegê-la mediante a instituição natural do matrimônio[3], elevado logo depois por Cristo à dignidade de sacramento.

A família – a grande família humana, e cada uma das famílias que haveriam de compô-la – é um dos instrumentos naturais queridos por Deus para que os homens cooperem ordenadamente no Seu decreto criador. A vontade de Deus de contar com a família no seu plano salvador confirmar-se-á, no decorrer dos tempos, através das distintas alianças que Deus foi estabelecendo com os antigos patriarcas: Noé, Abraão, Isaac, Jacob. Até que a promessa do Redentor recai sobre a casa de David.

Chegada a plenitude dos tempos, um anjo do Senhor anunciou aos homens o cumprimento do plano divino: nasce Jesus, em Nazaré, de Maria, por obra do Espírito Santo. E Deus provê para o Seu Filho uma família, com um pai adotivo, José, e com Maria, a Mãe virginal. Quis o Senhor que também nisto ficasse refletido o modo como Ele deseja ver nascer e crescer os Seus filhos, os homens: dentro de uma instituição estavelmente constituída.

“Os diversos factos e circunstâncias que rodeiam o nascimento do Filho de Deus acorrem à nossa memória, e o olhar detém-se na gruta de Belém, no lar de Nazaré. Maria, José e Jesus Menino, ocupam de um modo muito especial o centro do nosso coração. Que nos diz, que nos ensina a vida ao mesmo tempo simples e admirável dessa Sagrada Família?”[4]. A esta pergunta que nos sugere S. Josemaria, podemos responder com palavras do Compêndio do Catecismo, afirmando que a família cristã, à imagem da família de Jesus, é também igreja doméstica porque manifesta e realiza a natureza de comunhão e familiar da Igreja como família de Deus[5].

Pela sua missão natural e sobrenatural, a sua origem, a sua natureza e o seu fim, é grande a dignidade da família. Toda a família é uma entidade sagrada e merece a veneração e solícitude dos seus membros, da sociedade

civil e da Igreja. Por isso, seria uma trágica corrupção da sua essência reduzi-la às relações conjugais, ou ao vínculo de sangue entre pais e filhos, ou a uma espécie de unidade social ou de harmonização de interesses particulares. S. Josemaria insistia em que “devemos trabalhar para que essas células cristãs da sociedade nasçam e se desenvolvam com afã de santidade”[6].

A família há-de ser a primeira e principal escola, onde os filhos aprendem e vivem as virtudes humanas e cristãs. O bom exemplo dos pais, dos irmãos e dos outros membros da família, reflecte-se de forma imediata na configuração das relações sociais que cada um dos membros dessa família estabelece. Não é casual, portanto, o interesse da Igreja pelo adequado desenvolvimento dessa escola de virtudes que é o lar familiar. Mas não é este o único interesse: mediante a colaboração generosa dos pais cristãos com o desígnio divino, o próprio Deus “aumenta e enriquece a sua família”[7], multiplica-se em número e virtude o Corpo Místico de Cristo sobre a terra, e oferece-se a partir dos lares cristãos uma oblação especialmente grata ao Senhor[8].

A realidade familiar baseia-se em direitos e deveres. Antes de tudo, as obrigações: todos os seus membros hão-de ter consciência clara da dignidade dessa comunidade que formam e da missão que está chamada a realizar. Cada um deve cumprir os seus deveres com um vivo sentido de responsabilidade, à custa dos sacrifícios que sejam necessários. Quanto aos direitos, a família reclama o respeito e a atenção do Estado por uma dupla razão: a família é a célula originária da sociedade humana e precede qualquer reconhecimento da sociedade pública; e porque a sociedade será o que forem as famílias [9].

Para cumprir todos estes deveres, é indispensável que os membros da família tornem sobrenatural o seu afeto, como elevada à ordem sobrenatural está a família. Deste amor – suave e exigente – brotam por sua vez essas delicadezas que fazem da vida de família uma antecipação do Céu. “O matrimónio, baseado num amor exclusivo e definitivo, torna-se no ícone do

relacionamento de Deus com o Seu povo e, vice-versa, o modo de Deus amar torna-se a medida do amor humano”[10].

Nos momentos atuais da vida em sociedade, é especialmente urgente voltar a inculcar o sentido cristão no seio de tantas famílias. A tarefa não é simples mas é, sim, apaixonante. Para contribuir para esta imensa obra, que se identifica com a de voltar a dar um tom cristão à sociedade, cada um há-de começar por “*varrer*” a própria casa.

Adquire então particular importância na consecução deste projecto a educação dos filhos, aspecto fundamentalíssimo da vida familiar. Para responder a este grande propósito – educar numa sociedade em boa medida descristianizada – convém recordar duas verdades fundamentais: “A primeira é que o homem está chamado a viver na verdade e no amor. A segunda é que cada homem se realiza mediante a entrega sincera de si próprio”[11]. Na educação estão implicados tanto os filhos como os pais, primeiros educadores, de modo que só pode acontecer na “recíproca comunhão de pessoas”. “O educador é uma pessoa que ‘gera’ em sentido espiritual. Nesta perspectiva, a educação pode ser considerada um verdadeiro e próprio apostolado. É uma comunicação vital, que não só constrói uma relação profunda entre educador e educando, mas que faz ambos participarem na verdade e no amor, meta final a que cada homem está chamado por Deus Pai, Filho e Espírito Santo”[12].

*Artigo sobre a família publicado na *Romana*, revista da Prelatura.

NOTAS

[1] *Gn* 2, 7.

[2] *Gn* 1, 31.

[3] *Gn* 1, 27.[3]

[4] S. Josemaría, *Cristo que passa*, n.º 22.

- [5] *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, n.º 350.
- [6] S. Josemaría, *Temas Atuais do Cristianismo*, n.º 91.
- [7] Concílio Vaticano II, Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, n.º 50.
- [8] *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, n.º 188.
- [9] *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, n.º 457-462.
- [10] Bento XVI, Encíclica *Deus caritas est*, n.º 11.
- [11] S. João Paulo II, *Carta às famílias* (2/2/1994), n.º 16.
- [12] *Ibidem*.

AMBIENTE DE FAMÍLIA, ESCOLA DE AMOR

Para conseguir que o amor cresça, cada família tem de procurar aumentar a sua capacidade de dar e receber.



I. Uma família em saída: dar e receber

A família é uma célula aberta ao serviço da sociedade, não é uma instituição fechada, longínqua e de âmbito estritamente privado; como diz o Catecismo da Igreja Católica: “A família é a *célula originária da vida social*. É a espaço natural no qual o homem e a mulher são chamados ao dom de si no amor e no dom da vida. A autoridade, a estabilidade e as relações no seio da família constituem os fundamentos da liberdade, da segurança e da fraternidade na sociedade. A família é a comunidade na qual, desde a infância, se podem assimilar os valores morais, tais como honrar a Deus e usar corretamente a liberdade. A vida em família é iniciação para a vida em sociedade”[1]. Assim, podemos dizer que a família é o *âmbito natural do amor*.

Esse amor, próprio dos cônjuges, é desejar que o outro exista e que exista bem, não de qualquer maneira: porque te amo, procuro o teu bem, a tua felicidade. Com a chegada dos filhos, o amor entre os esposos cresce, multiplica-se e manifesta-se na busca do bem para cada filho, em querer o melhor para eles – em todos os aspetos: físico, emocional, espiritual, etc. Porém como a família não fica fechada em si mesma, mas transcende a sua própria esfera e se integra na sociedade – mais ainda, sem família, não há sociedade –, esse amor que começou sendo dos esposos e se prolongou nos filhos é chamado, também, a ampliar-se: todos merecem participar no amor que a família irradia, que se manifesta no desejo de bem.

Para conseguir que o amor cresça, cada família tem de procurar aumentar a sua capacidade de dar e receber. Nalgumas ocasiões existe uma tendência para dividir a profunda unidade dar-receber; o resultado é a desagregação da família, parece que “o dar é para os pais; o receber é para os filhos. E, então, resta um grupo de seres humanos pouco unidos pelo amor familiar: pais sacrificados, filhos mais ou menos irresponsáveis... Todos devem dar e receber. Em primeiro lugar, *dar*, porque toda a pessoa é um ser de contributos. E depois, *receber* para dar mais, para dar melhor”[2]. Como diz Enrique Rojas: “O amor não é egoísta. A sua única referência é o outro. O amor acaba com a vida solitária”. Porém, o amor precisa de ser *concretizado*. A este respeito, diz o Papa Francisco: “*O amor.. não é o amor das novelas. Não, é outra coisa. O amor cristão tem sempre uma qualidade: o concreto (...) o próprio Jesus, quando fala de amor, fala-nos de coisas concretas: dar de comer aos famintos, visitar os enfermos...*”.

O Papa sugere dois critérios. O *primeiro* é que o amor está mais nas obras do que nas palavras. O próprio Jesus disse: não são os que dizem “Senhor, Senhor”, os que falam muito, que entrarão no reino dos céus; mas aqueles que cumprem a vontade de Deus. É o convite, portanto, a estar no «concreto» cumprindo as obras de Deus. Assim, o primeiro critério é *amar com obras, não só com palavras*. O *segundo* é este: *no amor é mais importante dar do que receber*. A pessoa que ama dá – vida, coisas, tempo –, entrega-se a si mesma a Deus e aos outros. Pelo contrário, a pessoa que

não ama e que é egoísta procura sempre receber, procura sempre tirar vantagens[3].

Hoje em dia, há muitas pessoas necessitadas de ajuda por diversas circunstâncias: a fome, a imigração, a guerra, vítimas de abusos e violências e do terrorismo; pessoas afetadas por catástrofes naturais; outros, perseguidos por causa da sua fé; o drama do aborto e da eutanásia; o desemprego, sobretudo dos jovens; idosos que vivem em solidão. Todas estas realidades convivem de uma maneira ou de outra connosco, no dia a dia e é justamente aí que cada pessoa, cada família, é chamada a ser um agente de ajuda e de mudança a favor dos mais necessitados.

Como diz o Concílio Vaticano II, “A própria família recebeu de Deus esta missão, de ser a célula primeira e vital da sociedade. Cumprirá esta missão se, pela mútua piedade dos seus membros e pela oração em comum dirigida a Deus, for como que o santuário doméstico da Igreja; se a família toda se inserir no culto litúrgico da Igreja; se, finalmente, *oferecer hospitalidade acolhedora, promover a justiça e outras boas obras ao serviço de todos os irmãos em necessidade*. Entre as várias atividades do apostolado familiar, podem enumerar-se as seguintes: adotar como filhos crianças abandonadas, receber benignamente os peregrinos, cooperar na orientação das escolas, apoiar os adolescentes com conselhos e com meios económicos, ajudar os noivos a prepararem-se melhor para o matrimónio, dar catequese, amparar os cônjuges e as famílias que estão em perigo material ou moral, garantir aos idosos não só o necessário, mas também uma distribuição equitativa dos frutos do progresso económico”[4].

Este Ano Jubilar da Misericórdia é uma nova oportunidade para viver o amor familiar e *concretizar* o amor aos necessitados. O conjunto das obras de misericórdia oferece-nos a possibilidade de nos abirmos, de nos darmos aos outros. O Papa Francisco chama-nos a redescobrir as obras de misericórdia corporais: dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher o estrangeiro, assistir os enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos. E a não esquecermos as espirituais: aconselhar os que têm dúvidas, ensinar os ignorantes, advertir os pecadores, consolar

os aflitos, perdoar as ofensas, suportar pacientemente as pessoas irritantes, rezar a Deus pelos vivos e defuntos. “A misericórdia não é *ser bonzinho*, nem mero sentimentalismo”, pelo contrário, é a manifestação do Amor infinito de Deus por cada um e a realização humana do amor ao próximo.

É assim que a família é chamada a ser “escola de generosidade”, ou seja, na família “aprende-se que a felicidade pessoal depende da felicidade do outro, descobre-se o valor do encontro e do diálogo, a disponibilidade desinteressada e o serviço generoso”.

“As crianças que veem na sua casa como se procura sempre o bem da família, e como uns se sacrificam pelos outros, aprendem um estilo de vida baseado no amor e na generosidade. É uma vivência que deixa uma marca indelével. Crescerão sabendo que integrar-se na sociedade não é só receber, mas receber e retribuir”[5].

II. Dar-se na própria família

Muitas vezes – e é preciso fazê-lo –, dirigimos o olhar para as realidades distantes procurando fazer o bem: damos dinheiro, tempo, trabalho, esquecendo talvez que é nos mais próximos que encontramos o nosso principal e mais importante campo de ação. Não só com o cônjuge e os filhos, mas também com os pais já idosos e talvez doentes que requerem uma atenção especial; com parentes necessitados por diversas razões; com amigos próximos que precisam do nosso conselho; com pessoas conhecidas com quem contactamos regularmente e que precisam temporariamente de uma casa, da presença de um amigo, etc. Para os cônjuges cristãos, a sua primeira “periferia” é a própria família, onde talvez se encontrem os que mais necessitam da sua dádiva amorosa. Depois, o mundo inteiro para “afogar o mal em abundância de bem”, como S. Josemaria gostava de dizer[6].

Quanto aos idosos da família, eles merecem – como as crianças –, uma solicitude especial, quer sejam os próprios pais ou outros familiares próximos que, pelo passar dos anos, necessitam de atenções particulares. A

esperança de vida é cada vez mais longa, no entanto, não se atendeu, paralelamente, à necessidade dos cuidados específicos para os idosos, que, muitas vezes, são considerados uma carga difícil de carregar, ou ainda pior, em determinadas circunstâncias ficam desamparados e abandonados. Com cada um deles, temos de ser amáveis, pacientes, oferecer-lhes o nosso tempo, o nosso carinho e ajuda nas suas necessidades e ensinar os filhos a agir da mesma maneira. Amanhã serão eles, talvez, a ter de cuidar dos seus pais e, se não o virem, se não o viveram, não saberão ou não quererão fazê-lo. A família é o lugar onde os mais fracos encontram auxílio e proteção. Por isso, é o melhor lugar para cuidar dos idosos. A esse respeito, dizia Bento XVI: “A qualidade de uma sociedade, gostaria de dizer de uma civilização, mede-se, também, pela forma como trata os idosos e *pelo lugar que lhes é reservado na vida em comum*”.

Este *dar-se* aos que estão próximos de cada um, se é por amor, se faz com a alegria dos que sabem que são filhos de Deus, destinados à felicidade que só se encontra fazendo o bem.

Carolina Oquendo Madriz

NOTAS

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, 2206.

[2] Oliveros F. Otero (1988), *La felicidad en las familias*, Loma Editorial, México.

[3] Cfr. Papa Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 9-1-2014.

[4] Decreto *Apostolicam Actuositatem* (18 novembro 1965), n.11.

[5] María Lacalle Noriega (2015), *La dimensión pública de la familia*. En: Nicolás Álvarez de las Asturias (Ed.), *Redescubrir la familia*, Palabra, Madrid.

[6] S Josemaria, *Sulco*, n 864.

A VIDA FAMILIAR, CAMINHO DE SANTIDADE

Artigo de D. Francisco Gil Hellín publicado em Romana, n. 20 (1995)



Ao enfrentar o tema da santidade dos esposos, da santidade na vida familiar, ou da santidade na vida conjugal, vem à mente, necessariamente, o princípio configurador de qualquer família, que é o que deve ser santificado: o pacto de aliança conjugal entre os esposos. «A vocação universal à santidade dirige-se também aos cônjuges e aos pais cristãos; para eles foi especificada pelo sacramento celebrado e traduzida nas realidades da existência conjugal e familiar»[\[1\]](#).

Com efeito, não se pode falar de santidade cristã na vida familiar sem viver segundo o Espírito de Cristo a realidade que a constitui e as exigências que traz consigo. Por outras palavras. Não se pode construir a santidade dos membros da família – em primeiro lugar, a dos esposos – sem viver a verdade contida no facto de *ser* família e, portanto, no pacto ou aliança em que se fundamenta.

As tarefas essenciais que configuram a vida familiar estão já presentes no pacto conjugal. Os elementos primordiais de tal aliança são as coordenadas fundamentais da vida familiar. A vocação cristã exige viver segundo o Espírito de Cristo esta realidade natural inerente à Criação, configurada para os cristãos pelo Mistério Pascal. «O início da plenitude dos tempos (cfr. Gal 4, 4), o momento escolhido por Deus para manifestar plenamente o seu amor aos homens, entregando-nos o seu próprio Filho (...) realiza-se no meio das circunstâncias mais normais e correntes: uma mulher que dá à luz, uma família, uma casa. A onnipotência divina, o esplendor de Deus passam através das coisas humanas, unem-se às coisas humanas»[2].

Pode-se falar, portanto, de um *materialismo* cristão[3] que vive, no espírito do dom pascal, a realidade concreta da comunhão entre o homem e a mulher, saída das mãos de Deus Criador. Opondo-se a todo o tipo de espiritualismo, a santidade cristã de quantos foram chamados aos matrimónio requer, sobretudo, viver a realidade de ser «dois, numa só carne» (Gn 2, 24). Isto certamente não num sentido redutor mas, sim, conforme a toda a riqueza que implica esta expressão bíblica no âmbito da comunhão interpessoal.

Nisto consiste a tarefa fundamental desta vocação cristã, da qual S. Josemaria Escrivá foi pioneiro com a sua pregação [4] nos anos trinta. É um modo específico de viver esse chamamento universal à santidade no meio do mundo, próprio dos fiéis leigos. Além da sua incansável pregação, S. Josemaria contribuiu para que na vida da Igreja se tornasse realidade este chamamento a santificar-se no matrimónio e na família por meio de tantos milhares de casais que tentam encarná-lo nas suas próprias vidas, respondendo assim à própria vocação de filhos de Deus no Opus Dei. A maioria dos membros do Opus Dei, como declarava o seu Fundador, «vivem no estado matrimonial e, para eles, o amor humano e os deveres conjugais são parte da vocação divina» [5].

1. Os deveres fundamentais da vida conjugal

Os deveres primordiais e essenciais da vida familiar estão determinados, dizíamos, pela própria essência do matrimônio sobre a qual assenta a família. A família não pode surgir sem se referir à entrega conjugal do homem e da mulher; tão pouco esta poderia existir à margem da intrínseca exigência de transmitir a vida, procurar e educar novas vidas.

Comunhão de pessoas e serviço à vida são os valores, essenciais e interdependentes, próprios da família . Como pode ver-se, são as próprias leis estruturais do matrimônio. O pacto matrimonial não existiria sem a comunhão conjugal, fruto da recíproca entrega, mas também sem a conatural orientação para transmitir a vida e educar os filhos.

Confirma-o a conexão existente entre a segunda e a terceira parte da Exortação apostólica *Familiaris consortio* . A parte específica e central do documento, a terceira, começa com o conhecido imperativo: «Família sê o que és!» [6]. Nela são desenvolvidos os dois aspectos constitutivos essenciais da missão da família: comunidade de pessoas (cap. I) e serviço à vida (cap. II). Precedentemente, a segunda parte, fundamento da terceira, relativa aos deveres familiares, está dedicada ao desígnio de Deus sobre o matrimônio e a família.

O mandamento «Família, sê o que és!» tem as suas raízes no próprio ser do matrimônio, o qual se expressa em leis que estruturam a família. A riqueza contida na semente do matrimônio desenvolve-se com toda a sua força e potência na vida familiar, confirmando dia a dia a validade e o desígnio do germe inicial.

O valor da família fundamenta-se originariamente sobre a qualidade da recíproca entrega dos esposos . É o bem fundamental da célula básica da sociedade. A sociedade estrutura-se segundo vínculos humanos que situam as pessoas em relações de solidariedade, interdependência e serviço. Entre estes laços, o matrimônio possui uma prioridade constitutiva. Embora seja possível prescindir, em maior ou menor medida, de outras relações sociais, esta é substantiva e essencial, e condiciona a qualidade global de uma

sociedade. Como recorda a *Gaudium et spes* , a união do homem e da mulher «constitui a primeira forma de comunhão de pessoas» [7].

O livro do Génesis expressa tal conceito de modo admirável, ao concluir a apresentação ao homem da mulher recém-criada afirmando: «Por isto o homem abandonará o seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne» (Gn 2, 24). Apesar de ser tão forte o nexos dos filhos com os seus pais sob o ponto de vista biológico – físico até, no que diz respeito à mãe –, de facto não é esta a união mais poderosa que existe na sociedade humana. Há outra que, partindo de seres diferentes pelo sexo e sangue, cria uma fusão natural tão forte que a sua desintegração é tão impressionante como o desmembramento de um corpo vivo [8]. A entrega conjugal une e funde os esposos de tal modo que chegam a ser «uma só carne».

«Quando o homem e a mulher, no matrimónio, se entregam e se recebem reciprocamente na unidade de “uma só carne”, a lógica da entrega sincera entra nas suas vidas» [9]. A maturidade e a riqueza humana de um e outro dos componentes do par reflecte-se, necessariamente, no resultado desta « *una caro* ».

Tudo isto determina que *o ideal da família que se quer constituir deva influir desde a escolha recíproca dos noivos* , e em todo o processo formativo do período preparatório. Com efeito, como diz João Paulo II na *Carta às famílias* , «a união conjugal – significada na expressão bíblica *numa só carne* – só pode ser compreendida e explicada plenamente recorrendo aos valores da “*pessoa*” e da “*entrega*”»[10]. Em tal processo de conhecimento e compenetração existem aspectos determinantes para a futura família. Sobre alguns deles não poderá transigir-se e será necessário reparar as lacunas de cada pretendente. Doutra forma, os problemas postergam-se mas não se resolvem, e logo voltarão a aparecer, com menores possibilidades de os solucionar adequadamente.

A doação mútua, portanto, colocada na base da « *una caro* » dos esposos, deve inspirar a recíproca relação em toda a vida conjugal, e deve

penetrar e configurar toda a vida familiar. Por exemplo, as relações entre pais e filhos têm as suas raízes na doação ao cônjuge. A paternidade e a maternidade não só não lesam a mútua entrega dos cônjuges como a enriquecem, constituindo a sua optimização mais coerente.

Com efeito, a *qualidade da doação recíproca potencia e torna idóneos para uma paternidade e maternidade generosas e cheias de conteúdo*. A procriação e a educação dos filhos amadurecem e cultivam-se na genuína entrega sponsal. A tendência para excluir os filhos do horizonte e da doação de si mesmos, ou o limitá-los de maneira injustificada e imprópria, manifesta a imaturidade da dita entrega e a intensidade do egoísmo que a paralisa. Nessa mesma medida priva a entrega pessoal ao esposo ou à esposa da intrínseca referência entre si como ao pai ou à mãe dos próprios filhos.

Já que o doar-se dos esposos é conjugal, a transmissão da vida e aquilo que implica a formação destes repercute-se naturalmente na vida matrimonial. A íntima relação dos cônjuges, a descoberta da maternidade e da paternidade, o crescimento e a educação dos filhos traduzem, em experiência existencial, o bem previamente contido no matrimónio. A comunhão de pessoas, iniciada com uma referência directa entre esposo e esposa, cresce agora e dilata-se pela força de uma lei inscrita no seu ser, transmitindo e formando a «imagem de Deus» nos próprios descendentes.

O serviço à vida não é algo acrescentado à família, é antes um dos seus elementos constitutivos, já que o dom dos esposos tem como fim, pela sua própria estrutura natural, o cuidado da vida. Quando esta força orientadora se desordena e perverte, o próprio egoísmo conjugal corrompe e, nalgumas ocasiões, desnaturaliza a doação mútua dos esposos.

A mentalidade anticonceptiva, mesmo que não alcance a exclusão absoluta dos filhos, prejudica a qualidade da entrega conjugal em muitas famílias. Muitas desventuras conjugais, que terminam perante um juiz tentando obter a declaração de nulidade ou desembocam num divórcio civil, encontram a sua origem numa entrega que excluía a transmissão da vida ou,

pelo menos, diferia-a sem motivos sérios. Alguns talvez chegassem a pensar que deste modo fortaleciam a sua total entrega conjugal. Mas a realidade é que nem a procriação prévia ao matrimónio favorece a qualidade da doação mútua, nem esta cresce nem melhora fechando-se ao serviço da vida. Em ambos os casos, se contradiz a entrega conjugal.

Tal entrega possui algumas leis intrínsecas, e cresce e desenvolve-se em conformidade com elas. Doutra forma, não obstante o que aparente à primeira vista, languidesce e pode chegar a morrer por causa dos contínuos actos que contradizem o seu dinamismo natural. «Toda a vida do matrimónio é entrega, mas isto faz-se singularmente evidente quando os esposos, oferecendo-se reciprocamente no amor, realizam aquele encontro que faz dos dois “uma só carne” (Gn 2, 25)»[11].

2. O amor conjugal, alma da vida familiar *O amor conjugal anima e vivifica a vida familiar*. Este dinamismo coerente, que faz viver os esposos na alegria da mútua doação, conforma todos os laços familiares com o alegre espírito da entrega. Por isso o amor conjugal faz que as relações entre os pais e os filhos estejam animadas pelo espírito de entrega mútua dos esposos, o qual se estende e difunde a todos os membros da família. A solidez ou fragilidade de tal entrega, manifestada consciente ou inconscientemente na vida quotidiana, indica o grau de consistência de uma família como grupo social.

O amor conjugal não é um dinamismo cego, com manifestações autónomas, mas pelo contrário vivifica a estrutura essencial do matrimónio e, portanto da família. «Deus quis servir-se do amor conjugal para trazer novas criaturas ao mundo e aumentar o corpo da Igreja» [12]. A doação mútua dos esposos e o seu serviço à vida não são leis internas do matrimónio e da família independentes do amor conjugal. Sem este, não se teria levado a cabo a entrega recíproca e esta, sem tal impulso de amor, ficar-se-ia por um compromisso pactuado mas incapaz de cumprir-se por falta de força vital. A doação recíproca dos esposos nasceu com um acto de amor, mas tal doação não se reduz a esse acto de amor constitutivo. Mais

ainda, a entrega conjugal reclama ser sustentada e vivificada continuamente pelo amor como seiva vital.

O amor conjugal, ao suscitar como princípio vital a entrega recíproca dos esposos, vivifica também todo o serviço à vida próprio do matrimónio e da vida conjugal. «Não há amor claro, franco e alegre no matrimónio, se não se vive a virtude da castidade, que respeita o mistério da sexualidade e o ordena à fecundidade e à entrega» [13].

Embora a mútua entrega se ordene por si mesma ao serviço da vida, é difícil que tal serviço seja abundante se o amor for débil e vacilante. Um lar em que o serviço à vida – com tudo o que comporta a sua transmissão, a educação dos filhos e a comunicação entre os membros – é florescente, revela que um amor forte e poderoso vivifica toda a estrutura da mútua entrega. A força do amor conjugal torna operativo todo o ser do matrimónio, que é a própria comunhão dos esposos ao serviço da vida. Pelo contrário, sem o dinamismo do amor todo o organismo do matrimónio e da família fica anquilosado e paralisado.

A existência do matrimónio não depende do amor, no sentido de que o seu desaparecimento dissolva a consistência do matrimónio. É verdade que se faltar o amor no matrimónio, fica adormecida tanto a sua vida como a sua actividade. Do mesmo modo que a vida da semente a faz germinar e nos dá a conhecer a estrutura da planta, e depois, como seiva vivificante a faz crescer e produzir flores e frutos, assim o amor conjugal faz germinar o matrimónio como instituição com a sua própria estrutura específica. Por conseguinte, se o amor, como princípio vital, continua a alimentar tal estrutura, esta desenvolve-se numa comunhão de vida entre os cônjuges e cresce transmitindo a vida aos descendentes.

É a vida do matrimónio e da família, e não o seu ser constitutivo, o que está implicado directamente na presença ou na ausência do amor conjugal, ou do amor paterno e materno pelos filhos. Sem dúvida que a instituição matrimonial sem amor conjugal é como um cadáver, o qual apesar de possuir toda a estrutura física de um ser humano, nem por isto é um ser

vivo. A estrutura do matrimónio e da família tem necessidade do amor como do seu espírito e da sua vida; um espírito que pode sempre ressurgir, superando possíveis crises conjugais, ainda que tivesse adormecido ou aparentemente se tivesse perdido. Este amor é a resposta permanente, actual e viva, à exigência de entrega total que está na base do matrimónio. O amor conjugal, por sua vez, expressa-se tornando-se evidente mediante a estrutura, mas esta não pode ser modificada conforme a vontade dos cônjuges. O amor conjugal pode deste modo crescer e desenvolver-se até à plenitude da sua perfeição.

A vida íntima conjugal é uma manifestação específica da doação recíproca entre os esposos e o modo próprio em que a « *una caro* » dos esposos demonstra a sua conatural ordenação à transmissão da vida. Como pode ver-se, *as próprias leis da estrutura do matrimónio e da família – entrega dos cônjuges e serviço à vida – constituem as coordenadas estruturais do acto conjugal* . São dois aspectos que a Encíclica *Humanae vitae* afirma como significados essenciais e inseparáveis: unitivo e procriador.

No entanto, estes aspectos essenciais, que compõem o ser do acto conjugal, devem ser vivificados pelo amor. Pelo qual, como recorda a Constituição pastoral *Gaudium et spes* ao falar da moralidade conjugal, é necessário recorrer a critérios objectivos que mantêm, num contexto de verdadeiro amor, o sentido íntegro da mútua entrega e da procriação humana [14]. Com palavras do Fundador do Opus Dei: «as relações conjugais são dignas quando são prova de verdadeiro amor e, portanto, estão abertas à fecundidade, aos filhos» [15].

São, portanto, dois os critérios objectivos da moralidade conjugal, indicados pelos Padres conciliares, que foram explicitamente concretizados por Paulo VI na resposta à questão dos contraceptivos. Estes critérios unitivo e procriador da vida conjugal, radicados no próprio ser do matrimónio, ajudam a entender e diferenciar os aspectos da vida matrimonial e familiar.

Tais critérios tornam incompatível a anti-concepção, qualquer que seja a sua forma, com a santidade na vida conjugal. Do mesmo modo se excluem radicalmente todo o tipo de procriação artificial, seja heteróloga ou homóloga. Com efeito, enquanto que qualquer forma de anti-concepção destrói a orientação natural da entrega conjugal à transmissão da vida, a procriação artificial, também a homóloga, substitui e, portanto, elimina desta acção a própria doação conjugal. Nem no caso de um acto anti-conceptivo se pode falar de verdadeiro acto conjugal, por estar privado voluntariamente de um dos seus aspectos essenciais; nem no caso da fecundação artificial a vida é fruto da recíproca entrega dos esposos.

A santidade da vida matrimonial conduz os esposos a viver o acto próprio e específico dos cônjuges com o mesmo amor que os levou à entrega matrimonial. No dito acto, «o homem e a mulher estão chamados a ratificar de maneira responsável a *recíproca entrega* que fizeram de si mesmos com a aliança matrimonial» [16]. Mais ainda, a comunhão específica, mediante a qual chegam a ser «uma só carne» pode expressar e aperfeiçoar de maneira singular aquele amor conjugal que deu origem ao matrimónio [17]. Fomentar o exercício da intimidade conjugal, privando-a positivamente da potencialidade procriadora, com o pretexto de não pôr em perigo a fidelidade conjugal, é buscar a solução de possíveis males com remédios paliativos que, além de não resolver os problemas, os acentuam e agravam.

A santidade da vida íntima conjugal assume a mesma condição dos esposos e da sua união íntima na carne, sabendo respeitar, nas leis intrínsecas da relação física, o mistério transcendente das pessoas como colaboradoras do Deus da vida. Santificar também a recíproca entrega física prova e expressa, neste acto de amor, até que ponto a vida de relação dos esposos está impregnada de entrega e de abertura aos filhos.

3. Realidades humanas vividas segundo o Espírito de Cristo

Estes deveres conaturais ao matrimónio e à família convertem-se em obras de santidade para os esposos, os quais foram fortalecidos pelo

sacramento do matrimónio. «O matrimónio existe para que aqueles que o contraem se santifiquem nele e através dele. Para isso, os cônjuges têm uma graça especial que o sacramento instituído por Jesus Cristo confere» [18].

O mistério da graça da união de Cristo com a Igreja, do qual participam agora, acrescenta uma capacidade peculiar de testemunhar e plasmar através dos deveres próprios de todos os esposos, a presença do Salvador no mundo e a autêntica natureza da Igreja na história dos homens [19].

O sacramento do matrimónio, instituído por Cristo, dizia S. Josemaria Escrivá, é «sinal sagrado que santifica, acção de Jesus que invade a alma dos que se casam e os convida a segui-lo, transformando toda a vida matrimonial num andar divino pela terra» [20].

Esta transformação da vida conjugal e familiar por Cristo é obra do seu Espírito, que actua em primeiro lugar pela caridade . A vida dos esposos e pais cristãos e dos outros membros da família, revela o mistério do amor de Deus entre os homens, na medida em que as suas relações familiares e sociais estão impregnadas das virtudes teológicas: a fé, a esperança, a caridade.

Tudo aquilo que expressa a relação de entrega recíproca dos esposos cristãos encontra-se sob a acção da graça. Por isso, na medida em que cada um deles se apercebe desta realidade, assumindo-a de modo consciente com a docilidade que exige a acção do Espírito Santo nas suas almas, cresce e participa mais abundantemente da vida de Deus como esposos e pais. A união vital existente entre a relação com Deus e a entrega conjugal ao esposo ou à esposa começa a ser uma realidade sólida. Esta mesma entrega conjugal especifica a entrega própria a cada um dos outros membros da família.

O amor de Deus e o amor do cônjuge percorrem um mesmo caminho que manifesta, numa linguagem humana compreensível a qualquer pessoa, os tesouros insondáveis do mistério da Encarnação. Mas, ao mesmo tempo,

é o amor de Deus, forte como a morte [21], o que purifica, configura e eleva todas as expressões humanas do amor e da entrega entre os esposos para que sejam instrumentos que manifestam a doação de Cristo à Igreja.

A espiritualidade conjugal não se constitui a partir do exterior com a multiplicação dos actos de piedade, com a simples imitação de comportamentos exemplares. A piedade e a imitação das virtudes sem dúvida alimentam a santidade dos esposos na medida em que os conduz a viver mais plenamente o sentido sacramental da sua união. «Os casados estão chamados a santificar o seu matrimónio e a santificar-se nessa união: cometeriam, por isso, um grave erro. se edificassem a sua vida espiritual à margem do lar» [22].

A espiritualidade conjugal cristã tem o seu próprio fundamento no mistério da entrega fecunda de Cristo à sua Igreja, da qual os esposos cristãos participam mediante o sacramento do matrimónio. Esta participação constitui um princípio dinâmico que, operando por meio das virtudes da fé, da esperança e da caridade, converte o próprio lar numa célula fundamental e vivificante do Reino de Deus em Cristo: a igreja doméstica.

Quando na família se vive em coerência com este mistério participado, os filhos nascem como o fruto concreto da entrega dos esposos: expressões da carne, fruto do espírito. Como a fidelidade, também o serviço à vida, próprio da entrega conjugal, vive-se não na agitação e desassossego da carne, mas com a força unificadora do espírito.

O serviço à vida, quer seja a procriação, o crescimento e a alimentação, a educação ou a formação, não pode senão reforçar o dom mútuo dos esposos. Um equilíbrio precário no serviço à vida, que não traz consigo o crescimento na comunhão dos esposos, manifesta-se numa entrega já débil ou doente a partir do momento do compromisso matrimonial, ou que se quebrou e debilitou por causa de uma vida incoerente. Não existe uma entrega conjugal que não comporte uma maior exigência de serviço à vida,

assim como não se dá um radical empenho de transmitir a vida e servi-la que não leve a concretizar e melhorar a entrega dos esposos.

O trabalho, a convivência, a relação quotidiana nas actividades mais transcendentais ou mais ordinárias, constituem a trama do exercício das virtudes que impregnam toda a vida doméstica. A constância em levar por diante as próprias ocupações, a serenidade e afabilidade no trato com os outros, a sinceridade para reconhecer os próprios erros, a capacidade de compreender e perdoar, a fortaleza para corrigir os defeitos pessoais, a paciência consigo próprio e com os outros, o optimismo para ajudar a superar-se... são virtudes que, apoiando-se na fé, esperança e caridade, traduzem na vida dos filhos de Deus o quotidiano desenrolar da vida familiar.

Assim se expressa S. Josemaria: «A vida familiar, as relações conjugais, o cuidado e a educação dos filhos, o esforço por sustentar, manter e melhorar economicamente a família, as relações com as outras pessoas que constituem a comunidade social, tudo isso são situações humanas e correntes que os esposos cristãos devem sobrenaturalizar» [23].

4. União conjugal generosa e fecunda

A santidade matrimonial requer, portanto, viver no espírito do Mistério Pascal – Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo –, uma manifestação específica da vida dos esposos: a relação conjugal íntima. Esta possui indubitavelmente uma forte influência e repercussão sobre a santidade dos outros componentes da família, enquanto que aparece como a pedra angular do arco da coerência de vida própria do estado esponsal.

Certamente qualquer comunicação de palavras e outras acções entre os cônjuges pode expressar a sua recíproca entrega e a positiva acção de serviço à vida: um sorriso, o olhar, uma amabilidade, uma palavra, um gesto, um serviço... No entanto, a união íntima da carne como expressão da comunhão das suas pessoas é singular e específica.

Esta união actualiza no tempo a verdade da aliança conjugal estipulada com a doação recíproca das pessoas do homem e da mulher. Por conseguinte tal dom requer o seu cumprimento em plenitude como união única, exclusiva e para sempre. Não admite que lhe falte nenhuma das propriedades naturais do pacto matrimonial. Só a suspeita disto impediria que houvesse verdadeira comunicação íntima, despojando-a da sua condição específica de comunhão de pessoas.

A santidade esponsal implica, portanto, viver a verdade desta união com generosidade e a coerência da entrega que tal comunhão actualiza. A expressão da recíproca entrega conjugal, além de exigir a coerência, promove-a, enquanto constitui um chamamento a viver as exigências que actualiza. A sinceridade da entrega quotidiana prepara e dispõe a viver esta expressão específica de verdadeiro dom recíproco, e este, por sua vez, pode ajudar a expressá-la nos variados e diversos aspectos da vida.

Portanto, a santidade cristã dos esposos requer viver segundo o Espírito a realidade plena de tal entrega. O mistério da entrega de Cristo à Igreja – até à morte, e morte de cruz –, no qual os esposos cristãos participam em virtude do matrimónio, deve impregnar esta comunhão das pessoas com a lei da entrega, mais que da posse. Esta união é sempre fecunda e, geralmente, manifesta-se também com os frutos da procriação. A geração humana exige a comunhão dos progenitores numa só carne como manifestação da comunhão existente entre as suas pessoas. Por isso, os aspectos da união e da procriação são elementos inseparáveis de um mesmo valor moral. Por este motivo, *para viver uma procriação responsável, necessária à santidade dos esposos, é pressuposto indispensável a responsabilidade na mencionada comunhão.*

As faculdades superiores do homem não possuem um domínio directo e absoluto sobre a procriação, como também sobre as outras funções biológicas do homem. Delas dependem certamente os actos da relação íntima, necessários para a transmissão da vida. Assim, a conexão entre os actos conjugais e a transmissão da vida têm as suas próprias leis, não submetidas ao domínio da vontade. Portanto, falar de procriação

responsável implica directa e propriamente a responsabilidade na comunicação íntima conjugal. Só indirecta e mediadamente pode ser relativa a faculdade de transmitir a vida.

A responsabilidade exerce-se, ou deixa de exercer-se, nos actos que dependem da vontade; do qual decorre que os efeitos consequentes são responsáveis ou irresponsáveis. Não se pode propor como responsável a vontade de não procriar, sem que esta mesma vontade determine uma atitude coerente nas relações conjugais. Em conclusão, não se pode ser irresponsável nas relações íntimas e pretender ser responsável na transmissão da vida.

Isto implica para a santidade conjugal, que o Espírito de Cristo penetre nas relações íntimas dos esposos, assumindo consciente e responsabilmente a própria índole de transmissores da vida. *Não é suficiente por parte dos esposos o respeito da vida que tais actos podem eventualmente suscitar; a santidade matrimonial implica uma disposição positiva a respeito da vida que tal união, voluntária e consciente, pode procriar.*

Somente quando existem sérios motivos que tornariam irresponsável suscitar uma nova procriação, se justifica o recurso a relações naturalmente infecundas. Tal continência periódica, em si mesma lícita, requererá no entanto que os esposos assumam de modo responsável a eventualidade de que a relação possa ser fecunda. Esta natural incerteza relativa aos actos conjugais e à sua fecundidade, exigirá dos esposos, nalgumas circunstâncias, uma abstenção proporcionada com a gravidade dos motivos que desaconselham a transmissão da vida, e mesmo a absoluta abstinência, quando a possível procriação, que continua a ser voluntária *in causa*, pudesse comprometer um bem tão grande como a vida da esposa.

Como se adverte com clareza, as exigências da vida conjugal não se podem viver sem um grau de amor e desprendimento de si mesmo tais que transcendem toda a força humana e reclamam o auxílio divino. Com efeito, não existe na ordem natural um acto de maior amor e desprendimento que o contido e implicado na doação matrimonial. Tudo isto leva o Santo Padre a

perguntar-se: «Acaso se pode imaginar o amor humano sem o Esposo e sem o amor com que Ele amou primeiro até ao extremo?» A tal pergunta, responde assim: «Só se participam neste amor e neste “grande mistério”, os esposos podem amar “até ao extremo”; ou se tornam participantes dele, ou então não conhecem verdadeiramente o que é o amor e a radicalidade das suas exigências» [24].

5. Exercício das virtudes cristãs

Para os esposos cristãos, o matrimónio e, concretamente, os aspectos da entrega conjugal e da transmissão da vida constituem o âmbito específico da própria santidade, quer dizer, o lugar próprio do exercício de todas as virtudes, principalmente as teologais. «Para santificar cada jornada, é necessário exercitar muitas virtudes cristãs, as teologais em primeiro lugar e, depois, todas as outras: a prudência, a lealdade, a sinceridade, a humildade, a laboriosidade, a alegria...» [25]. A fé ajudá-los-á a descobrir o mistério de que participam, em pormenores, exigências, penas e alegrias da vida ordinária. «Com efeito – sublinha a *Familiaris consortio* –, só na fé os esposos podem descobrir e admirar com gozosa gratidão, a que dignidade quis Deus elevar o matrimónio e a família, constituindo-os como sinal e lugar da aliança de amor entre Deus e os homens, entre Jesus Cristo e a sua esposa a Igreja» [26].

Esta mesma fé fará perceber aos esposos na sua vida, nos momentos e circunstâncias de dor e sofrimento, o mistério da entrega redentora de Cristo pelos homens. «Dentro e através dos acontecimentos, os problemas, as dificuldades, os factos da existência de todos os dias, Deus vem a eles revelando e propondo as “exigências” concretas da sua participação no amor de Cristo pela Igreja» [27]. A própria fé cristã projectará luz abundante sobre a responsável entrega íntima como expressão concreta do amor de Cristo por cada um deles através do outro, também no gozo sensível e espiritual que advém da dita entrega. Será assim um farol resplandecente para os esposos cristãos na tarefa da procriação e da educação de novas vidas, enquanto participantes do poder criador de Deus e da acção redentora de Cristo na Igreja.

Cumprir com plenitude o projecto de doação pessoal implícito no matrimónio, e da entrega dos pais aos filhos através da procriação e educação, é um dever que supera as forças meramente naturais. A virtude da *esperança* confere aos cristãos a certeza de que, Aquele que os chamou à vocação de esposos e pais, não deixará de os assistir com a sua graça para tornar fecunda e eficaz a sua resposta às exigências concretas da própria vocação.

A fé, que ilumina o mistério da cruz fecunda, do qual participam, leva-os a viver, na esperança, a coerência desejada e nem sempre realizada em todas e cada uma das manifestações quotidianas. A certeza de que os *últimos tempos* começaram, mas que ainda não estão consumados, fá-los desejar e suplicar a graça, e agradecer com frutos maduros, sempre desejosos de ser revestidos da presença do Esposo que confirme definitivamente neles a fidelidade à Esposa.

As virtudes teologais e, especialmente, a *caridade*, aperfeiçoam o ser humano nas suas exigências naturais. Deste modo o homem, que não pode «encontrar-se plenamente a si mesmo a não ser no sincero dom de si» [28], recebe no amor participado de Cristo a força primordial para a própria realização. «O amor faz com que o homem se realize mediante a entrega sincera de si mesmo. Amar significa dar e receber o que não se pode comprar nem vender, mas somente oferecer livre e reciprocamente» [29]. A caridade participada, no caso dos esposos cristãos, é o amor sponsal, raiz última do Mistério Pascal: a união de Cristo com a Igreja. «Assim, em cada família autenticamente cristã – recorda-nos S. Josemaria Escrivá – reproduz-se de algum modo o mistério da Igreja, escolhida por Deus e enviada como guia do mundo» [30].

A família é incorporada à Igreja respeitando, mais ainda, confirmando e elevando a acção da Igreja, o que constituía missão própria de tal comunidade natural. «Se a família cristão é uma comunidade cujos vínculos foram renovados por Cristo mediante a fé e os sacramentos, a sua participação na missão da Igreja deve realizar-se *conforme uma modalidade*

comunitária : isto é, juntamente os cônjuges *como casal* , os filhos e os pais *enquanto família* , devem viver o próprio serviço à Igreja e ao mundo» [31].

Daqui que a missão da família na Igreja não seja a soma das missões dos membros que a compõem. A Exortação apostólica *Familiaris consortio* esclarece que «a família cristã está chamada a tomar parte viva e responsável na missão da Igreja de modo próprio e original, isto é, pondo-se ela mesma ao serviço da Igreja e da sociedade no seu ser e na sua acção, enquanto *íntima comunidade de vida e de amor* » [32].

O matrimónio e a família, graças ao seu conteúdo fundamental do dom de si ao cônjuge e aos filhos, são em si mesmos expressão primária e protótipo de todo o vínculo social [33]. Quando além disso é vivificada pelo amor de Cristo, a família converte-se em igreja doméstica, célula básica do Reino de Cristo entre os homens; sinal participado da comunhão e amor fecundo entre Cristo e a Igreja [34]. A família «como “igreja doméstica”, é a *esposa de Cristo* . A Igreja universal, e dentro dela cada Igreja particular, manifesta-se mais imediatamente como esposa de Cristo na “igreja doméstica” e no amor que se vive nela: o amor conjugal, amor paterno e materno, amor de uma comunidade de pessoas e de gerações» [35].

6. Sacerdócio comum: a oferenda da própria existência

«Pelo Baptismo, fomos todos constituídos sacerdotes da nossa própria existência, para oferecer vítimas espirituais que sejam agradáveis a Deus por Jesus Cristo (1 Pe 2, 5) para realizar cada uma das nossas acções em espírito de obediência à vontade de Deus, perpetuando assim a missão do Deus-Homem» [36].

Todo o baptizado deve viver o próprio sacerdócio convertendo a sua existência num culto agradável a Deus Pai. «E como do sacramento derivam para os cônjuges o dom e a obrigação de viver quotidianamente a santificação recebida, assim nesse mesmo sacramento se fundamentam a graça e o dever de transformar toda a sua vida num contínuo sacrifício espiritual» [37].

Existe portanto uma característica específica do sacerdócio comum dos esposos cristãos: o modo peculiar de fazer da sua própria existência uma oferta espiritual. O sacramento do matrimónio transformou em unidade social aquela identificação com Cristo previamente adquirida por cada um no Baptismo. Portanto, *a oferenda da própria existência tem para eles uma dimensão específica: a unidade conjugal. O sacerdócio comum dos esposos adquire uma dimensão familiar* . De agora em diante cada um deles não poderá viver a oferenda da sua existência a não ser como esposo e esposa e, portanto, como pai ou mãe, pelo menos potencialmente.

Por outras palavras, os cônjuges cristãos não podem viver a oferenda das próprias vidas a não ser no exercício da missão de esposos e pais, própria da sua identidade dentro do Povo de Deus. As virtudes humanas e cristãs fá-los-ão viver a vontade concreta de Deus em todas as actividades e deveres próprios, e descobrir neles a resposta de entrega como oferta grata a Deus por Jesus Cristo.

Toda a vida é, por conseguinte, exercício deste sacerdócio, e toda a vida estará cheia pela entrega ao cônjuge e aos filhos. Este é o seu modo peculiar e eficaz de construir a cidade dos homens e a cidade de Deus. Qualquer outra actividade ou ocupação, trabalho, descanso, vida de piedade e de relação social, encontra-se em estreita unidade com a ocupação fundamental que Deus estabeleceu como centro das suas vidas.

A Eucaristia adquire para os esposos, nesta perspectiva da oferenda da própria existência, não só a função de raiz da que nasce o próprio sacerdócio, mas também de consumação do mistério da entrega fecunda da qual participam. O mistério eucarístico potencia toda a sua entrega de esposos, e deles mesmos aos filhos, com o dinamismo de totalidade da entrega de Cristo ao Pai. A Eucaristia, para aqueles que, graças à sua união, são sinal e representação da entrega de Cristo à Igreja, leva a uma especial urgência de realizar no mundo – hoje e agora – o amor de Deus aos homens revelado na morte de Cristo. «Com efeito, todas as suas obras –afirma a propósito dos leigos a Constituição sobre a Igreja do Concílio Vaticano II –, as suas orações e iniciativas apostólicas, a vida conjugal e familiar, o

trabalho de cada dia, o descanso espiritual e corporal, se se cumprem no Espírito, e inclusivamente as agruras da vida se são suportadas com paciência, convertem-se em sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo (cfr. 1 Pe 2, 5), os quais são piedosamente oferecidos na celebração da Eucaristia juntamente com a oblação do Corpo de Nosso Senhor» [38].

Revelar, com a peculiaridade dos esposos e pais cristãos, o mistério do amor é contribuir para a sua glorificação. Dar glória a Deus, como fim próprio do homem nesta terra, está intimamente ligado à santidade e à perfeição, bem como à própria felicidade humana das famílias. «Mas não esqueçam que o segredo da felicidade conjugal está no quotidiano, não em sonhos. Está em encontrar a alegria íntima que dá a chegada ao lar; está no convívio carinhoso com os filhos; no trabalho de todos os dias, em que colabora toda a família; no bom humor perante as dificuldades, que é preciso encarar com desportivismo» [39].

No caso dos esposos, a santidade e, portanto, a glória de Deus, constrói-se secundando na vida quotidiana, de modo consciente e voluntário, os deveres centrais que especificam a vocação como entrega conjugal ao serviço da vida.

Qualquer outra orientação dirigida a dar glória a Deus que prescindisse destas coordenadas básicas da santidade conjugal, seria um desvio para os esposos. O modo próprio e específico da santidade dos esposos consiste em reproduzir na própria vida o mistério do qual participam em virtude do sacramento: um mistério de *entrega fecunda*. Este é o caminho da sua perfeição cristã e da glória de Deus reflectida nas suas vidas. Testemunhos do amor de Cristo na Cruz: *entrega fecunda*.

Com palavras de S. Paulo, o Papa suplica pela santidade dos esposos e das famílias: «Dobro os meus joelhos diante do Pai do qual toma nome toda a paternidade e maternidade “para que vos conceda ... que sejais fortalecidos pela acção do seu Espírito no homem interior” (Ef 3, 16)» [40].

NOTAS:

[1] João Paulo II, Exort. Apost. *Familiaris consortio* , 22-XI-1981, n. 56.

[2] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa* , n. 22.

[3] «O sentido cristão autêntico – que professa a ressurreição de toda a carne – sempre combateu, como é lógico, a *desencarnação* , sem receio de ser julgado materialista» (Josemaria Escrivá, *Temas Actuais do Cristianismo*, n. 115).

[4] Cfr. Josemaria Escrivá, *Caminho*, n. 27; *Temas Actuais do Cristianismo*, nn. 45, 91, 93.

[5] Josemaria Escrivá, *Temas Actuais do Cristianismo*, n. 91.

[6] João Paulo II, Exort. apost. *Familiaris consortio* , 22-XI-1987, n. 17.

[7] Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, n. 12.

[8] Cfr. P. Adnès, *El matrimonio* , Herder, Barcelona (1972, 2ª ed.), p. 28.

[9] João Paulo II, Carta às famílias *Gratissimam sane* , 2-II-1994, n. 11.

[10] João Paulo II, Carta às famílias *Gratissimam sane* , 2-II-1994, n. 12.

[11] João Paulo II, Carta às famílias *Gratissimam sane* , 2-II-1994, n. 12.

[12] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa* , n. 24.

[13] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa* , n. 25

[14] Cfr. Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, n. 91.

- [15] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, n. 25.
- [16] João Paulo II. Carta às famílias *Gratissimam sane*, 2-II-1944, n. 12.
- [17] Cfr. Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes* , n. 51.
- [18] Josemaria Escrivá, *Temas Actuais do Cristianismo*, n. 91,
- [19] Cfr. Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*. N. 48.
- [20] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, n. 23.
- [21] Cfr. *Cant* 8, 6.
- [22] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa* , n. 23.
- [23] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa* , n. 23.
- [24] João Paulo II, Carta às famílias *Gratissimam sane* , 2-II-1994, n. 19.
- [25] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa* , n. 23.
- [26] João Paulo II, Exort. apost. *Familiaris consortio* , 22-XI-1981, n. 51.
- [27] João Paulo II, Exort. apost. *Familiaris consortio* , 22-XI-1981, n. 51.
- [28] Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes* , n. 24
- [29] João Paulo II, Carta às famílias *gratissimam sane* , 2-II-1944, n. 11.
- [30] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa* , n. 30.
- [31] João Paulo II, Exort. apost. *Familiaris consortio* , 21-XI-1981, n. 50.

[32] João Paulo II, Exort. apost. *Familiaris consortio* , 21-XI-1981, n. 50.

[33] Cfr. Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes* , n. 12.

[34] Cfr. Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium* , n. 11.

[35] João Paulo II, Carta às famílias *Gratissimam sane* , 2-II-1994, n. 19.

[36] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa* , n. 96.

[37] João Paulo II, Exort. apost. *Familiaris consortio* , 21-XI-1981, n. 56.

[38] Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium* , n. 34.

[39] Josemaria Escrivá, *Temas Actuais do Cristianismo* . n. 91.

[40] João Paulo II, Carta às famílias *gratissimam sane* , 2-II-1994, n. 23.

CRESCER: UM PROJETO EM FAMÍLIA (I)

Ninguém vem ao mundo por acidente; cada pessoa vale muito, vale tudo. O valor da vida aprende-se, sobretudo, na família, lugar idóneo para a formação da personalidade.



Como é parecida com a mãe! O mesmo sorriso, o movimento das mãos enquanto fala... até o modo de andar.. Muitas vezes ouvimos ou fazemos comentários deste tipo. Porque, efetivamente, são muitos os modos que copiamos da personalidade dos nossos pais e irmãos, quase sem darmos por isso. Algumas características são herdadas, como a cor dos olhos ou o temperamento, o modo de ser. No entanto, muitas outras, formaram-se no contacto pessoal, no convívio diário, na formação que recebemos: na vida.

Os aspetos da maturidade pessoal que foram abordados nos artigos desta série semeiam-se e germinam precisamente no contexto familiar. Por isso, como é importante cuidar da família! É, deve ser, a boa terra em que se inicia, se desenvolve e termina, o nosso caminho: «em todas as fases da

vida, em cada situação e condição social, somos e permanecemos filhos»[1].

A oração de muitas pessoas derrama-se, de todos os lares do mundo, sobre os padres sinodais para que, unidos ao Papa e com as luzes do Espírito Santo, interpretem profundamente os desafios que a família enfrenta. Mas a responsabilidade pela instituição familiar, querida por Deus, compete-nos a todos, seja como pais ou irmãos... seja, ao mesmo tempo e sempre, como filhos. Vamos considerar o nosso papel no lar em dois artigos. No primeiro, refletiremos sobre o que torna única a família, e sobre a “função” dos pais e dos filhos. No segundo, examinaremos a vida familiar e os aspetos que a enchem de luz e de alegria.

Dar o melhor no lar, é dar tudo

Cada um tem a sua história, a marca que deixaram na sua vida muitas situações, alegres ou dolorosas. Também o nosso passado se enquadra nos planos de Deus, que às vezes são misteriosos para nós. Há lares onde faltou um exemplo cristão, embora mais cedo ou mais tarde a figura de Cristo acabou por se insinuar num amigo, num parente ou num professor. Noutras famílias, o amor e o esforço por educar na fé, misturam-se com os defeitos e limitações dos pais e irmãos.

Não escolhemos os nossos familiares, foi Deus quem os escolheu. Ele contava, para fazer-nos cristãos, não só com as suas virtudes, mas também com os seus defeitos: «E, na família – disto todos somos testemunhas - os milagres fazem-se com o que há, com o que somos, com aquilo que a pessoa tem à mão. Muitas vezes não é o ideal, não é o que sonhamos, nem o que “deveria ser”!»[2].

Todos – avós, pais, filhos, netos – estamos chamados a dar, em cada momento, o melhor de nós próprios com a ajuda de Deus, para dar forma cristã à família. Também os pais crescem com os filhos e, à medida que passam os anos, os papéis na família podem mudar. Quem antes puxava, agora é levado, quem ia à frente deixa o seu lugar aos que vêm atrás. O lar,

que entre todos formam, é muito mais do que o primeiro recurso para as necessidades elementares de nutrição, calor e vestuário. É, junto com isso tudo, o espaço em que se descobre a beleza dos autênticos valores humanos; do domínio de si e do respeito - tão necessário para as relações interpessoais -[3]; da responsabilidade, da lealdade, do espírito de serviço. Valores, todos eles, que se forjam em fogo lento, que requerem um simples mas forte sentido de pertença: a consciência de não ter sido simplesmente lançados no mundo, mas *acolhidos* desde o princípio numa pequena porção do mundo, não feita de terra mas de amor: uma família.

O próprio Deus «quis nascer numa família humana, que Ele mesmo formou. Forjou-a num longínquo povoado da periferia do Império romano (...). E poder-se-ia dizer: "Mas este Deus que vem para nos salvar perdeu trinta anos ali, naquela periferia de má fama?" Perdeu trinta anos! Ele quis que fosse assim. O caminho de Jesus era no seio daquela família»[4].

Saber que nos amam

Centenas de vezes por minuto renova-se na terra o que aconteceu também connosco, quando vimos a luz: «a alegria de um ser humano ter vindo ao mundo»[5]. Somos, sim, mais um entre tantos que nasceram no mesmo dia que nós... E, no entanto, somos irrepetíveis e amados desde a eternidade. «Cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário»[6].

Ninguém chega ao mundo por acidente; cada pessoa vale muito, vale tudo. Até quem, talvez, não tenha conhecido os seus pais, ou foi adotado por uma família. «Cada alma é um tesouro maravilhoso; cada homem é único, insubstituível. Cada um vale todo o sangue de Cristo»[7]. Devemos muito aos nossos pais! Quem quer que sejam, com os seus defeitos e as suas dificuldades. Sabem tudo o que Deus espera deles, e esforçam-se por responder ao chamamento suave mas exigente: «era menino ainda não nascido, e Me acolhestes, permitindo-Me nascer; era criança abandonada e fostes para Mim uma família; era órfão e Me adotastes e educastes como um filho vosso»[8].

Às poucas semanas de vida dos seus filhos, as mães sabem já distinguir elementos do temperamento: características do choro, do sono, da fome... Vem depois o primeiro sorriso, que é como que o nascimento da personalidade e, ao mesmo tempo, um dos primeiros sinais perceptíveis da imitação, tão evidente nas crianças, de tudo o que veem. Os pais proporcionam segurança aos filhos. É expressivo o gesto tão vulgar do miúdo que abraça as pernas do pai ou da mãe, quando chega um estranho. Partindo desse ponto seguro, a criança aprende a mexer-se e a sair de si mesma, explora o mundo e abre-se aos outros.

Ainda que não estejamos inteiramente determinados pelas circunstâncias do nosso nascimento e educação, é decisivo para o crescimento harmónico da personalidade, que os filhos se saibam amados pela família desde o primeiro momento, para depois amarem os outros. O afeto e os cuidados – que incluem a exigência e fortaleza para ir limando o egoísmo para que todos tendemos – ajudá-los-ão a compreender o seu próprio valor e o dos outros. O amor carinhoso e forte dos pais dá-lhes a autoestima que lhes permitirá amar, sair de si mesmos.

Os laços de amor que nascem numa família cristã não se desintegram nem com o fim da vida. Se alguém perde os seus pais nos primeiros anos, a fé faz-lhe ver o próprio Jesus, Santa Maria ou São José, fazendo as suas vezes já na terra, em muitas ocasiões através de outras pessoas de grande coração. Seguindo os passos desta Sagrada Família, procuramos ser muito humanos e muito sobrenaturais[9] e mantemos a esperança de que um dia sucederá o que escreveu santa Teresa: «Parecia-me estar metida no céu, e as primeiras pessoas que lá vi foram o meu pai e a minha mãe»[10].

A genuína autorrealização

«Mãe, gostavas de fazer as refeições? Lavar a roupa? Limpar a casa? Levar-nos à escola?...» Este interrogatório de uma filha à sua mãe, já idosa, recorda à boa mulher aqueles momentos em que as coisas não corriam bem, o cansaço com os trabalhos do lar, os apertos económicos e as preocupações pelas febres altas que atacavam os seus filhos, no inverno... E nalgum prato

que atirou contra a parede nalgum momento de impaciência... E responde, lacónica: «gostar..., não muito, mas amava-vos e vibrava vendo-vos crescer». Quantas mães e pais se comportam assim! A muitos seria preciso dar-lhes um prémio, comenta o Papa, pois aprenderam «a resolver uma equação que nem os grandes matemáticos sabem solucionar: em vinte e quatro horas fazem caber o dobro! (...) De vinte e quatro horas fazem quarenta e oito: não sei como fazem mas movimentam-se e fazem-no!»[11]

Uma família, não perfeita, mas harmoniosa, distingue bem a identidade de cada um dos seus membros. Os pais têm autoridade, mas não a impõem. Não têm como meta domesticar as crianças, mas guiá-las para que desenvolvam as suas potencialidades, com a luz e o exemplo do seu carinho. São responsáveis pelo ambiente da família tanto o pai como a mãe, e para cada um, a entrega ao outro e aos filhos, converte-se num caminho de crescimento pessoal.

O convívio familiar também ajuda a descobrir alguns talentos nos quais talvez não se tinha reparado, mas que os outros valorizam: a capacidade de ternura, a fortaleza de ânimo, o bom humor, etc. O amor à própria família faz com que, mesmo no meio das dificuldades, cada um puxe pelo seu melhor, pelo lado positivo do próprio carácter. E quando, por cansaço ou tensão, saia o pior de si mesmo, será o momento de pedir perdão e recomeçar. «Reconhecer que errámos e desejar restituir o que tirámos - respeito, sinceridade, amor - torna-nos dignos do perdão. É assim que se impede a infeção (...). Muitas feridas dos afetos, muitas dilacerações nas famílias começam com a perda deste vocábulo precioso: «Desculpa»[12].

A mulher poderá descobrir que as suas qualidades como mãe, são insubstituíveis. O empenho por ser fiel a Deus nesta missão, levá-la-á a criar um ambiente acolhedor e apto para o crescimento pessoal, para o carinho e o respeito, para o sacrifício e o dom de si mesmo. «A mulher está chamada a levar à família, à sociedade civil, à Igreja, algo característico, que lhe é próprio e que só ela pode dar: a sua delicada ternura, a sua generosidade incansável, o seu amor pelo concreto, a sua agudeza de

engenho, a sua capacidade de intuição, a sua piedade profunda e simples, a sua tenacidade...»[13]

Também o pai se apresenta como guia diante dos seus filhos: ajuda-os a crescer, brinca com eles e deixa que se desenvolva o modo de ser de cada um. Um pai cristão sabe que a sua família será sempre o seu principal negócio, no qual se realiza em todas as suas dimensões. Por isso é preciso que esteja prevenido ante os ritmos de vida demasiado intensos e *stressantes*, que ofuscam a vista para os objetivos mais importantes, e podem levar, precisamente por isso, a desequilíbrios psíquicos e a uma animosidade nas relações familiares.

Por isso é importante que os pais estejam próximos – a sua ausência causa múltiplos problemas – e que fomentem sempre o orgulho de transmitir aos filhos a sabedoria do coração![14] Num lar «luminoso e alegre»[15], o pai vive e dá a sua paternidade, a mãe vive e dá a sua maternidade: qualidades complementares e insubstituíveis, capazes de satisfazer o coração. E isto, independentemente do número de filhos que Deus envie ao matrimónio. E, se os filhos não chegam, podem exercer uma paternidade e uma maternidade espiritual, com outros membros da família e outros amigos.

A espera e o compromisso

«Talvez nem sempre estejamos conscientes disto, mas é precisamente a família que introduz a fraternidade no mundo»[16] . A estrutura básica dos povos, a paz das nações, apoia-se na entrega livre, por amor, do homem e da mulher; na sua fidelidade a um sim que marca as suas vidas para sempre.

Hoje há uma grande fome de aventuras. A oferta é múltipla: há as propostas mais variadas, intensas, breves, apaixonantes, como uma imersão no oceano, uma incursão ao teto do mundo ou um salto no vazio. O compromisso definitivo tem cores menos chamativas, mas sempre suscita admiração, porque estamos feitos para amar sempre, e no fundo tudo o resto

nos sabe a pouco. Um amor que não fosse para sempre, um sim com letra pequena, não seria amor.

Na vida familiar é preciso suportar tempestades e crises, mas a fidelidade ao sim, que fundou o lar, pode ser sempre mais forte que todas elas: «o amor é forte como a morte»[17]. Grandes causas fazem suportar grandes dificuldades. E aqui os motivos, não são apenas uma ideia ou uma instituição: são, sobretudo, pessoas. O sim do amor, chega tão dentro do nosso ser, que não podemos negá-lo sem nos dilacerarmos.

É evidente que qualquer grande projeto traz consigo um grande risco, e muitos jovens de hoje não se atrevem a dar o sim, para sempre, com medo de se enganar. Mas de facto é um erro ainda maior ficar às portas do amor para o qual está chamado o nosso coração. Por isso, é preciso dar firmeza ao coração, fazê-lo crescer: é esse o sentido cristão do namoro, «um percurso de vida que deve amadurecer como a fruta (...) um caminho de maturação no amor, até ao momento que se torna matrimónio»[18]. O melhor treino para esse sim e o melhor *teste* da sua solidez, é a capacidade de esperar, que a Igreja não se cansa de pedir aos noivos, embora às vezes não se compreendam plenamente os seus motivos: «Quem pretende tudo e imediatamente, depois também cede em tudo - e já - na primeira dificuldade (...). O namoro focaliza a vontade de preservar juntos, algo que nunca deverá ser comprado ou vendido, atraído ou abandonado, por muito aliciadora que seja a oferta»[19].

Os filhos aprendem com pais que guardam juntos esse amor. Estes são os lares que dão os melhores cidadãos, dispostos a sacrificar-se pelo bem comum: trabalhadores honestos nos assuntos próprios e alheios, professores entusiastas, políticos coerentes, advogados justos, médicos abnegados, cozinheiros que fazem de cada prato uma obra de arte... Nesta sombra crescem novas mães e pais fiéis, e muitos que se entregam a Deus completamente, para servir a família humana comum, numa vocação onde brilham também a maternidade e a paternidade.

Com o passar do tempo a aventura continua, as paredes ficam pequenas, surgem novos lares, novos amores. Renasce o entusiasmo, a alegria de viver. Existe por isso «um vínculo estreito entre a esperança de um povo e a harmonia entre as gerações (...). A alegria dos filhos faz palpitar o coração dos pais e reabre o porvir»[20].

Wenceslao Vial

NOTAS

[1] Francisco, *Audiência*, 18-III-2015.

[2] Francisco, *Homilia*, 6-VII-2015

[3] Cf. S. João Paulo II, *Familiaris consortio*, 22-XI-1981, 66.

[4] Francisco, *Audiência*, 17-XII-2014.

[5] *Jo* 16, 21.

[6] Bento XVI, Homilia no solene início do ministério petrino, 24-IV-2005.

[7] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, 80.

[8] S. João Paulo II, *Carta às famílias*, 2-II-1994, 22.

[9] Cfr. *Forja*, 290.

[10] S. Teresa, Livro da vida, cap. 38.

[11] Francisco, *Audiência*, 26-VIII-2015.

[12] Francisco, *Audiência*, 13-V-2015.

[13] *Temas Atuais do Cristianismo*, 87.

[14] Cf. Francisco, Audiências, 28-I-2015 e 4-II-2015.

[15] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, 78.

[16] Francisco, *Audiência*, 18-II-2015.

[17] *Ct* 9,6.

[18] Francisco, *Audiência*, 27-V-2015.

[19] Francisco, *Audiência*, 27-V-2015.

[20] Francisco, *Audiência*, 11-II-2015.

CRESCER: UM PROJETO EM FAMÍLIA (II)

Nesta segunda parte do artigo «Crescer em família», abordam-se outros elementos que se aprendem no lar: a boa educação, a disciplina, o bom humor, a vida de oração, etc.



Crepita o fogo na lareira durante uma interessante conversa sobre uma batalha antiga. Um dos interlocutores tem então uma saída surpreendente: «Creio que há vitórias tranquilas e batalhas e grandes sacrifícios próprios e atos de nobre heroísmo - mesmo em muitas das suas frivolidade aparentes e contradições - não menos difíceis de conseguir, que não são noticiadas, nem há público que assista, mas que se realizam todos os dias nos mais afastados recantos, nas pequenas famílias e nos corações de homens e mulheres. Qualquer um destes poderia reconciliar o homem mais exigente com o mundo e enchê-lo de fé e de esperança nele»[1].

O futuro do mundo não se forja apenas nas grandes decisões internacionais, por cruciais que possam ser; decide-se sobretudo na contenda quotidiana, no «amor paciente»[2] que é o trabalho discreto de

avós, pais e filhos. O projeto de crescer – um crescer, sobretudo «para dentro» [3] - que acompanha cada pessoa ao longo da sua vida, é necessariamente um trabalho de equipa, todos juntos, *ao passo de Deus* e com o impulso do Seu sopro nas velas da alma.

Respirar um mesmo ar

Numa família em que se respira ar cristão, compartilham-se tarefas, preocupações, triunfos e fracassos. Tudo é de todos e, ao mesmo tempo, respeita-se o que é de cada um: ensina-se aos filhos a serem eles mesmos, mas sem se isolarem nos próprios gostos e preferências. No lar valorizam-se as coisas que unem, que são como o ar que permite a cada um respirar com gosto, encher os pulmões e desenvolver-se.

Na tarefa de manter o ar de família todos são importantes, até os mais jovens. Por isso, convém ir dando aos filhos pequenas responsabilidades, de acordo com a sua idade, que os levem a sair de si mesmos, a descobrir que a casa funciona porque todos colaboram: regar uma planta, pôr a mesa, fazer a cama e ordenar o próprio quarto, cuidar de um irmão mais pequeno, ir às compras... Pouco a pouco faz-se com que eles participem nas decisões. Os planos familiares não se impõem, sem mais; antes são-lhes apresentados de modo atraente. Assim, ninguém fica isolado e forjam-se formas de ser abertas, generosas, com preocupação pelo mundo e pelas outras pessoas.

O afeto leva a harmonizar as vidas, a compartilhar com os outros os novos capítulos da própria «série». Ajuda muito ter momentos de descanso em comum, atividades que unem e que permitem usufruir de tantas coisas boas. Quando surge a dor, a caridade – carinho sobrenatural – move-nos a compartilhar o peso: «Carregai os fardos uns dos outros; assim cumprireis a lei de Cristo»[4]. Ninguém pode viver como estranho na própria casa; é imprescindível ter iniciativa, levantar o olhar e prestar atenção aos outros: gostos, planos, amizades, trabalho, preocupações... São coisas que requerem tempo, que é precisamente o melhor que um pai pode dar aos seus filhos e que os filhos podem dar aos seus pais.

Numa família cristã há também disciplina, mas amável; assim os filhos aprendem com gosto e pouco a pouco, com o exemplo dos mais velhos. A correção faz-se com bons modos, que refletem o afeto. Além disso, explicam-se os porquês e procura-se «não derramar sobre os outros o fel do nosso mau humor»[5] Por vezes, é necessário ser especialmente claros, mas os pais não esquecem que as virtudes e os valores se fixam sobretudo quando os filhos os veem encarnados nas suas próprias vidas. A fortaleza, a temperança, o pudor, a modéstia, vividas no quotidiano, apresentam-se-lhes então como bens autênticos: são-lhes conaturais, como o ar que respiram. Isto é especialmente válido para a formação da afetividade. Os pais que exteriorizam o seu carinho mútuo nos pormenores mais simples da convivência – embora sem manifestações de afeto que devem ficar na intimidade dos esposos – introduzem facilmente os filhos no mistério do amor verdadeiro entre um homem e uma mulher.

«Se eu tivesse de dar um conselho aos pais, dar-lhes-ia sobretudo este: que os vossos filhos vejam - não tenhais ilusões: desde crianças, veem tudo e julgam-no - que procurais viver de acordo com a vossa fé, que Deus não está só nos vossos lábios, está nas vossas obras; que vos esforçais por serdes sinceros e leais; que vos amais e os amais a eles realmente»[6].

Obrigado, por favor, desculpa

Num lar «luminoso e alegre»[7] há uma convivência simples e confiada. E simultaneamente, a proximidade não dá lugar à indelicadeza nem à grosseria. Todos temos defeitos, podemos falhar e ferir; mas possuímos a capacidade de passar por alto incompreensões ou equívocos, sem guardar rancor. Em qualquer nível, de pais para filhos, de filhos para pais ou entre irmãos, há que fixar-se no positivo, naquilo que une. Como em qualquer convivência, às vezes surgirão discussões ou zangas, mas vale a pena terminar o dia reconciliados: é o momento de levar à prática o ensinamento de Cristo de não pôr limites ao perdão[8]. Além disso, pedir perdão amadurece a própria alma e a do que recebe ou presencia um pedido de desculpa sincero. «Ouvi bem: esposa e esposo, brigastes? Filhos e pais, entrastes em forte desacordo? Não está bem, mas o problema não é este. O

problema é quando este sentimento persiste inclusive no dia seguinte. Por isso, se brigastes, nunca termineis o dia sem fazer as pazes em família»[9]

Quem realmente ama, sabe compreender e desculpar; além do mais, necessita-o. E a partir da família, exporta-se para o mundo esse ambiente. Para transformar a selva, comecemos pelo nosso jardim, pela «ecologia da vida de cada dia», que se manifesta «no nosso quarto, na nossa casa, no nosso lugar de trabalho e no nosso bairro»[10]. A família é «o lugar da formação integral, onde se desenvolvem os diferentes aspetos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal. Na família aprende-se a *pedir licença* sem submissão, a *dizer obrigado* como expressão de uma sentida valorização das coisas que recebemos, a dominar a voracidade ou a agressividade, e a *pedir desculpa* quando causamos algum dano»[11]

Esta atitude ajuda-nos a relativizar os problemas que podem surgir no convívio e a descartar a ideia de que noutras circunstâncias tudo seria mais simples. Costuma ser mais fácil julgar positivamente aqueles que não convivem connosco. Inclusive, alguém com uma psicologia equilibrada tende a idealizar o as coisas boas de amigos e conhecidos e, pelo contrário, a pôr em primeiro plano os defeitos e erros dos familiares mais próximos. No entanto, é necessário conhecer e remediar estes preconceitos! Nem o sorriso nem a amabilidade de quem vemos muito raramente, é sempre assim; nem aquele comentário brusco de um irmão ou irmã, depois de um mau dia ou uma má noite, reflete toda a sua forma de ser, ou indica a opinião que tem de nós. Além disso, é bom saber que quando há mais confiança com alguém é lógico que se esteja mais à-vontade e surjam mais facilmente desabafos, numa ou noutra direção. Parte do carinho consiste então em compreender[12]; em ser, se é necessário, pano de lágrimas.

As etapas do desenvolvimento, com as suas respetivas crises, são reptos que requerem paciência, porque a maturidade quase nunca se produz de repente. Em especial a adolescência, mais ou menos prolongada, afeta o ambiente do lar e por vezes traz discórdias e maior nervosismo nos mais velhos e nos mais pequenos. Mas passa o tempo e, se se enfrentou bem a

crise, a família sai fortalecida dela. As águas não só retornam ao seu curso, como ficam mais fortes e saudáveis.

É normal que, ao chegar à adolescência, os filhos necessitem de espaços de liberdade, de formar o seu próprio núcleo de amizades e de aprender a voar sozinhos. Os pais continuarão a ser o foco das atenções, embora a vitalidade juvenil não o queira aceitar. Por isso, é importante que não se mostrem apenas como a «autoridade», mas que fomentem também um trato amigável e cheio de confiança. Os pais animam a tomar decisões e alertam para os obstáculos. Assinalam tanto as rochas que se podem encontrar ao *navegar*, como o farol em direção ao qual vale a pena dirigir-se. E isto transmite-se mais com o exemplo do que com muitas palavras ou regras, ainda que, logicamente, algumas sejam necessárias.

Em todo o caso, há que confiar nos filhos, porque só num clima de confiança cresce a liberdade. É mesmo preferível, dizia S. Josemaria, que os pais «se deixem enganar alguma vez. A confiança que se põe nos filhos faz com que eles próprios se envergonhem de terem abusado, e se corrijam. Pelo contrário, se não têm liberdade, se veem que não se confia neles, sentir-se-ão levados a enganar sempre»[13].

Uma família que reza unida permanece unida

Na família, também se aprende a ter intimidade com Deus: aprende-se a rezar. Quanto apreciava S. Josemaria as orações que lhe ensinou a sua mãe! «Sem as mães, não somente não haveria novos fiéis, mas a fé perderia boa parte do seu calor simples e profundo»[14]. O habitual é que os pais ensinem os filhos a ler esta partitura. Não poucas vezes, no entanto, produz-se uma troca de papéis, e a Providência serve-se dos filhos para que o pai ou a mãe descubram a esplêndida melodia da fé.

Em muitas ocasiões, será possível e útil rezarem todos juntos, recordando que «a família que reza unida, permanece unida»[15]. A piedade transparente e sincera ilumina para dentro e para fora da casa, e vai-se entrelaçando serenamente com as demais ocupações diárias. Não

importa que às vezes haja distrações: os filhos que andam de um lado para o outro, as múltiplas tarefas do lar... Quando pomos o que está da nossa parte, as distrações não geram desarmonias, mas ressoam também no Céu.

Dos pais fiéis surgem novos pais fiéis e também muitos que, aceitando o convite de Deus, seguem um caminho vocacional no celibato. Nem o amor a outra pessoa, nem o amor a Deus rivalizam com o afeto à nossa família, antes o aumentam. Sempre, em cada momento da vida, corre pelas nossas veias o mesmo sangue: estamos unidos, apesar de poderem mediar distâncias, compromissos e múltiplas obrigações. Um sinal de maturidade é precisamente a capacidade, que se aprende com o tempo, para harmonizar os deveres que provêm do próprio lar que formamos, com a cultura do carinho filial e fraterno à família de origem. Contamos com a sua oração para a nossa missão na vida, e nós apoiamo-los com a nossa oração. Não se trata de um mero prémio de consolação: «Um irmão ajudado pelo seu irmão, é como uma cidade fortificada»[16].

Do lar para a periferia

As grandes frentes da família não se esgotam em si mesma. Do mesmo modo que seria impossível desenvolver-se, centrando-se em si mesmo, a vida familiar cresce abrindo-se ao exterior. Um lar cristão tem, sim, umas portas que protegem a intimidade, que dão o ambiente adequado para o crescimento, mas que não asfixiam nem tapam os olhos.

Por isso, a solidariedade faz parte importante da missão das famílias cristãs. Sai-se assim, com criatividade, ao encontro dos mais necessitados, procura-se o desenvolvimento da cultura e da educação para todos, o cuidado da Terra como casa comum... As carências são muito variadas e muitas vezes não coincidem com as prioridades que algumas ideologias ou grupos minoritários lançam para a agenda do mundo. Vimos exemplos excelentes em famílias que saem ao encontro de imigrantes sem teto; de famílias numerosas que recebem um novo filho; de pais que se sacrificam pelos seus e pelos dos outros, superando os apertos com heroísmo; de casais sem filhos, que dedicam a sua vida a ajudar outras famílias.

E o melhor é que «tudo fica em casa». Os primeiros a ganhar com estas iniciativas são os do próprio lar. E da casa para o mundo: a família, escola de amor gratuito e sincero, é «o antídoto mais forte contra o propagar-se do individualismo egoísta»[17]. Quem cresceu com «o "são preconceito psicológico" de pensar habitualmente nos outros»[18] usufrui escutando, compreendendo, convivendo, resolvendo necessidades concretas dos seus irmãos os homens.

As famílias não estão sozinhas

O panorama das famílias, o seu papel na Igreja e no mundo, é empolgante. Ao mesmo tempo, a ninguém passam despercebidas as dificuldades que atravessam. Mas as famílias não estão sozinhas; muita gente boa dedica tempo e energias a ajudar os pais na sua tarefa de formação. Colégios, clubes juvenis e muitas outras iniciativas, são um suporte por vezes decisivo para o cuidado dos jovens e dos idosos. O apoio nas tarefas do lar, não exclusivas das mães, é outra coluna dos lares cristãos. Por isso, àqueles que dedicam a sua vida a transmitir a sua ciência e a sua experiência neste campo, dizia-lhes S. Josemaría que têm «mais eficácia educativa que muitos catedráticos da universidade»[19].

Que dizer, por último, quando apesar dos esforços fica a impressão de que se poderia ter feito mais? Quantos pais, que procuram educar o melhor possível os seus filhos, o melhor que souberam, os veem depois com problemas materiais e espirituais, com falta de fé ou com as vidas desorientadas. Além de continuar a aprofundar para prevenir e melhorar, se acontece esta situação, é altura de imitar o Pai da parábola, que sem forçar a liberdade do filho, sai ao seu encontro, disponível para o ajudar mal dê um sinal de querer corrigir-se[20] É o momento de recorrer mais ao Céu, dizendo talvez: meu Deus, agora cabe-te a Ti. «Os pais devem ser pacientes. Muitas vezes nada se pode fazer, a não ser esperar; rezar e esperar com paciência, doçura, generosidade e misericórdia»[21]

Wenceslao Vial

- [1] Dickens, Charles *The Battle of Life*.
- [2] Francisco, *Homilia*, 27-X-2013.
- [3] S. Josemaria, *Caminho*, 294.
- [4] *Gl* 6, 2.
- [5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, 174.
- [6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, 28.
- [7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, 78.
- [8] Cfr. *Mt* 18, 21-22.
- [9] Francisco, *Audiência*, 13-V-2015.
- [10] Francisco, Enc. *Laudato si'*, 147; cfr. *Audiência*, 13-V-15.
- [11] Francisco, Enc. *Laudato si'*, 213.
- [12] Cfr. S. Josemaria, *Caminho*, 463.
- [13] *Temas Atuais do Cristianismo*, 100.
- [14] Francisco, *Audiência*, 7-I-2015.
- [15] S. João Paulo II, Carta ap. *Rosarium Virginis Mariae*, 41.
- [16] *Pr* 18, 19.
- [17] Francisco, *Audiência*, 7-I-2015.
- [18] S. Josemaria, *Forja*, 861.
- [19] *Temas Atuais do Cristianismo*, 88.

[20] Cfr. *Lc* 15, 20.

[21] Francisco, *Audiência*, 4-II-2015.

CONSTRUIR O LAR: UM EMPREENDIMENTO VULGAR QUE DÁ SENTIDO AO TRABALHO

O ritmo de vida atual parece colocar um dilema: trabalho ou filhos; ou se trabalha ou se cuida do lar; as duas coisas ao mesmo tempo parecem uma impossibilidade.



A fim de conhecer o plano de Deus para o homem e para a família é preciso voltar à origem. “Ortega y Gasset recordou a história do explorador do Pólo que depois de apontar a sua bússola para o norte, corre com o seu trenó (...) para comprovar que se encontra ao sul da posição inicial. Ignora que não viaja por terra firme, mas sobre um grande *iceberg*, que navega com rapidez na direção oposta à sua marcha. Também hoje muitos, com boa vontade, pomos a nossa bússola apontando para o norte para avançar, ignorando que flutuamos sobre o grande *iceberg* das ideologias e não na terra firme da verdade sobre a família”[1].

Na origem da humanidade, estão as pautas necessárias, a bússola que marcará sempre o norte.

A primeira dessas pautas ou chaves, referidas no Génesis, é que fomos criados para amar e ser amados, e isto realiza-se no “sereis uma só carne”[2] de homem e mulher, um dom de si enriquecedor e fecundo, que se abre a novas vidas. O matrimónio, configurado como entrega recíproca, como chamamento ao amor, seria uma primeira pauta.

A segunda, deriva da anterior e concretiza-se no mandamento divino: “Crescei, multiplicai-vos e dominai a terra”[3]. Aqui aparece a conexão entre família (*multiplicai-vos*) e trabalho (*dominai a terra*), inseparavelmente unidos num mandamento único. Quer dizer, a partir do momento em que Deus cria o homem, fica clara a obrigação de trabalhar e também o sentido profundo do trabalho. Não se trata da mera realização pessoal, ou de um capricho, ou de um passatempo, mas de transformar a terra para a converter em lar. Desde a origem da humanidade, trabalho e família estão unidos e o sentido do trabalho não é outro senão servir a família. É uma forma de entrega – como a dos esposos Adão e Eva – um dom de si, nunca um dom para si mesmo.

Perda do sentido da família, perda do sentido do trabalho

No entanto, no último século e meio, produziu-se – pelo menos nos países mais desenvolvidos – uma rutura, e dá a sensação de que família e trabalho, que na sua origem eram inseparáveis, são agora irreconciliáveis. A família aparece como um obstáculo para o trabalho e vice-versa. Ser mãe, por exemplo, converteu-se para muitas mulheres num *handicap* laboral. Então, onde está aquele preceito do Génesis? O que era um mandamento único e uma vocação originária, transformou-se, para muitos, num dilema: ou trabalho ou filhos; ou se trabalha ou se cuida do lar; as duas coisas ao mesmo tempo parecem impossíveis.

É significativo que esta contraposição coincida no tempo, com a crise da família. O que pode levar-nos a pensar que uma crise tenha levado à outra, porque as suas raízes estão ligadas. A perda do sentido da família implicaria a perda do sentido do trabalho. De facto, em muitos casos, não se concebe o trabalho como um serviço à família, mas como um fim em si

mesmo; não há lar, ou então há lares desfeitos, abandonados, ou carentes do calor de família.

Ao produzir-se esta contraposição, em muitos países do Ocidente, inverteram-se os termos. A empresa apresenta-se como uma família e a família reinventa-se como uma empresa com divisão de tarefas e quotas paritárias, tal como indicava Arlie Hochschild num estudo com o eloquente título: “Quando o trabalho se converte em casa e a casa se converte em trabalho”[4].

Mas seria erróneo pensar que o ambiente de lar se consegue mediante quotas paritárias ou uma espécie de divisão do trabalho. Consegue-se melhor, recuperando o sentido genuíno da família e, simultaneamente, o sentido genuíno do trabalho. A verdadeira reconciliação não depende – apenas – das leis do Estado, mas fundamentalmente de que marido e mulher se reconciliem. Porque eles são os verdadeiros artífices do lar. São livres para trabalhar fora de casa e ter filhos, optando por recuperar o trabalho no lar.

Isto resolveria o dilema a que antes nos referíamos.

Virá depois a tentativa de transformar as leis para que o Estado facilite esta escolha ao serviço da família, e conseguir uma cultura empresarial nesta linha. Mas primeiro hão de ser as próprias famílias, os esposos, a reconquistar o sentido genuíno do trabalho como dom de si e serviço ao cônjuge e aos filhos. Haverá mães que optarão por manter uma atividade profissional fora de casa e outras por se dedicarem plenamente ao lar, sendo ambas igualmente legítimas e, além disso, sabendo que o trabalho é serviço e não fim em si mesmo.

O lar, primeiro passo para superar a crise da sociedade

Assim forjado, o lar converter-se-á em ponto de encontro das duas realidades: família e trabalho. O lar como âmbito do dom de si e do amor dos esposos e, portanto, da verdadeira reconciliação; e como

empreendimento vulgar que compete a todos os membros da família. A casa não é apenas refúgio para descansar e regressar ao trabalho, mas o lugar do amor sacrificado, a escola de virtudes e a melhor resposta ao mandamento: “crescei, multiplicai-vos e dominai a terra”.

Sem sair das quatro paredes do lar, pode transformar-se o mundo; “Atrevo-me a dizer que a triste crise que sofre agora a nossa sociedade tem as suas raízes no descuido do lar”[5].

Se o centro do lar é o amor dos esposos que transmite vida e se irradia para os filhos, os seus eixos são o leito conjugal e a mesa, entendida esta como espaço de convivência entre pais e filhos e entre irmãos, âmbito de ação de graças a Deus e de diálogo. É significativo que os ataques mais duros que a família está a sofrer se produzam aí. No primeiro caso, a partir do hedonismo e da ideologia de género, que separam os aspetos unitivo e procriativo do ato conjugal; e no segundo, através do ruído gerado pelo mau uso da televisão, internet e outras tecnologias que tendem a isolar os adolescentes, impedindo a sua abertura aos outros.

Não é por acaso que uma das primeiras medidas adotadas por alguns regimes totalitários, foi proibir o fabrico de mesas altas e promover o uso de mesinhas baixas ou individuais. Com isso tornava-se muito difícil a reunião familiar ao almoço ou ao jantar. Atualmente, o abuso da televisão e das tecnologias – unido a outros fatores como o trabalho ou as longas distâncias – estão a produzir um efeito semelhante no seio das famílias.

A importância da mesa: ação de graças, diálogo, convivência

Devolver a sua importância à mesa é uma forma de recuperar o ambiente de lar. Na mesa confluem os dois elementos do duplo mandamento do Génesis: a família, pais e filhos – “crescei e multiplicai-vos” – e o fruto do trabalho – “dominai a terra”. A mesa oferece a ocasião para agradecer ao Criador o dom da vida e os dons da terra: é diálogo com Deus, também através da materialidade dos alimentos que recebemos da Sua bondade. E tem uma decisiva função educativa e comunicativa: os

filhos alimentam-se da comida e também da palavra, da conversa, do debate de ideias, e até das divergências e discussões, que contribuem para forjar o seu caráter.

Daí a importância de dedicar um tempo diário e específico à mesa. Se não é possível tomar o pequeno-almoço ou almoçar juntos, pelo menos convém reservar o jantar para propiciar esse espaço de diálogo e confraternização.

Um espaço que se prepara com tempo e entusiasmo; que se constrói com renúncia e sacrifício; que se inicia com a bênção dos alimentos [6] e que anda à volta de um diálogo. É uma oportunidade única para que os pais eduquem não com discursos, mas com pequenos gestos, pormenores aparentemente insignificantes; e para que os irmãos aprendam a entender-se, a colaborar, a ceder... Tempos e lugares compartilhados, que formarão a sua identidade, recordações permanentes que os marcarão de modo indelével.

Uma tarefa entusiasmante que a todos compromete, uma vez que a oração, a ação de graças e o diálogo, mais do que a comida, é o que realmente alimenta e conserva a família.

Empenhar-se por uma cultura da família pressupõe “descer” do *iceberg* das ideologias enganadoras e recuperar o sentido genuíno do duplo mandamento do Génesis. E pode conseguir-se a partir de um espaço tão modesto como o das quatro paredes do lar, perímetro contraditório porque é sempre “maior por dentro do que por fora”, como o descrevia Chesterton; recuperando a comunicação, o amor dos esposos e a participação à mesa; deixando sempre mais um prato..., para o caso de Deus querer vir jantar nessa noite.

Teresa Díez-Antoñanzas González e Alfonso Basallo Fuentes

[1] J. Granados, *Ninguna familia es una isla*, Burgos 2013.

[2] Gn 2, 24.

[3] Gn 1, 28.

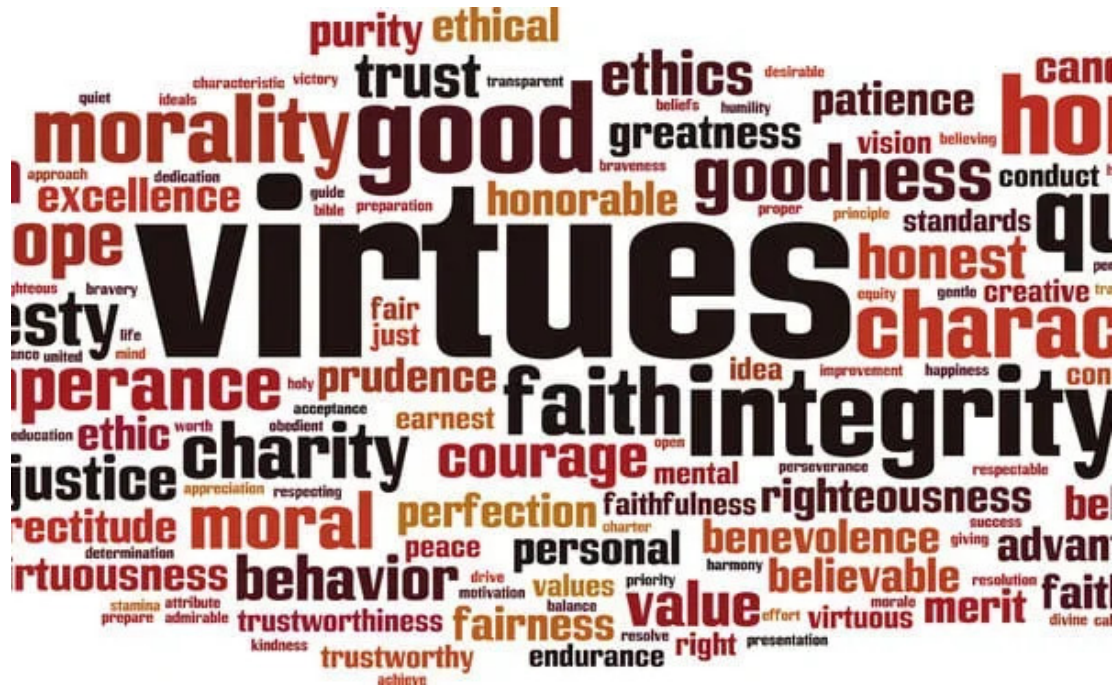
[4] A.R. Hochschild, “When work becomes home, and home becomes work”, *California Management Review* (1997), 79-97.

[5] J. Echevarría, *Carta pastoral, 1-VI-2015*.

[6] Cf. Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato si'*, n. 227, 24-V-2015.

NOVAS TECNOLOGIAS E COERÊNCIA CRISTÃ

Este artigo estimula a desenvolver um estilo “virtuoso” na utilização das tecnologias da informação. Faz parte de uma série de cinco artigos onde se procurará dar pistas para transformar as tecnologias em instrumentos úteis que acompanhem o cristão na sua vida diária.



A tecnologia está cada vez mais presente no dia a dia de grande parte da humanidade. A facilidade de acesso a telemóveis e computadores, unida à dimensão global e à presença capilar da Internet, multiplicaram os meios para enviar instantaneamente palavras e imagens a grandes distâncias em poucos segundos.

Muitos benefícios resultam desta nova cultura de comunicação: as famílias podem permanecer em maior contacto apesar de seus membros estarem muito longe uns dos outros; os estudantes e investigadores têm acesso fácil e imediato a documentos, fontes e novidades científicas; finalmente, a natureza interativa dos novos meios proporciona formas mais

dinâmicas de aprendizagem e de comunicação que contribuem para o progresso social[1].

Pode-se afirmar que, além do ambiente físico onde se desenvolvem as nossas vidas, atualmente existe também um *ambiente digital*, que não pode ser considerado simplesmente «um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade quotidiana de muitas pessoas, especialmente dos mais jovens»[2].

A unidade de vida no *ambiente digital*

As novas tecnologias são fonte de grandes possibilidades. Ampliam o conhecimento sobre diversos temas – notícias, métodos de trabalho, oportunidades de negócio, etc. – e assim se abrem muitas opções para a pessoa que tem de decidir sobre várias questões; contribuem para que a informação seja processada e atualizada com rapidez, se difunda globalmente com facilidade, e esteja disponível em qualquer lugar, também no telemóvel que temos ao alcance da mão.

Para o cristão, todas estas novas possibilidades se enquadram num exercício positivo da própria liberdade, que se configura assim como «uma força de crescimento e de maturação na verdade e na bondade»[3]. Este exercício virtuoso leva a atuar conforme o que cada um é, com a autenticidade de quem vive «uma única vida, feita de carne e espírito, e essa é que tem de ser – na alma e no corpo – santa e cheia de Deus»[4].

O chamamento à santidade dá sentido e unifica todas as ações dos batizados. S. Josemaria ensina: «Nós, os cristãos, não levamos uma vida dupla: mantemos uma unidade de vida, simples e forte, em que se fundamentam e se compenetraram todas as nossas ações»[5]. Não temos um modo de atuar no “mundo virtual” e outro no “mundo real”. A unidade de vida leva a apresentar-se e a mover-se no ambiente digital de um modo coerente com a situação pessoal, empregando todas as possibilidades para cumprir melhor os deveres quotidianos na família, na empresa e na sociedade.

Por isso, cada um deve saber levar a sua própria identidade, que é uma identidade cristã, aos ambientes digitais[6]. Como as novas tecnologias permitem trabalhar com certo anonimato, e inclusive criar identidades falsas, corre-se o risco de as transformar num “refúgio” que pode levar a evitar a inegável realidade que temos à nossa volta: «Deixai-vos, pois, de sonhos, de falsos idealismos, de fantasias, daquilo a que costumo chamar mística do oxalá – oxalá não me tivesse casado; oxalá não tivesse esta profissão; oxalá tivesse mais saúde; oxalá fosse mais novo; oxalá fosse velho!... – e cingi-vos, pelo contrário, sobriamente, à realidade mais material e imediata, que é onde Nosso Senhor está»[7].

O ambiente digital configura-se hoje em dia como uma “extensão” da própria vida quotidiana, e será lógico que se torne um lugar de busca da santidade e de apostolado, pois também influímos nos outros ao atuar nas redes sociais. Isto é especialmente importante para aqueles que, talvez pelo seu cargo ou posição, contam com certo ascendente sobre outros: por exemplo, os pais, os professores, os dirigentes, etc.

Atuar com autenticidade cristã implica trabalhar «de tal modo que à sua volta se perceba o *bonus odor Christi* (cf. 2 Cor 2, 15), o bom odor de Cristo»[8] e que «através das ações do discípulo, se possa descobrir o rosto do Mestre»[9]: também no ambiente digital.

Viver as virtudes e ser *almas de critério*

Evidentemente, o uso das novas tecnologias depende da situação de cada pessoa (idade, profissão, ambiente social), das suas possibilidades e conhecimentos. Nem todos estão chamados a usá-las, e não serão vistos com receio por essa razão. Podem-se comparar as capacidades informáticas com a condução de um carro. Apesar de não ser indispensável que todos saibam conduzir, é muito útil que alguns tenham esta capacidade.

Neste sentido, têm-se desenvolvido certas competências específicas e modos adequados de comportamento para *navegar no ambiente digital*. De facto, em vários países se tem criado uma legislação sobre o uso dos meios

informáticos, pela repercussão que têm no bem comum. Contribuem para o bem integral da pessoa quando facilitam o desenvolvimento das virtudes cristãs e o respeito da lei moral. Assim, o progresso técnico e a formação ética irão lado a lado, de modo que sejamos «robustecidos no nosso homem interior»[10], que se caracteriza por utilizar estes meios com liberdade e responsabilidade.

Para usar com prudência as novas tecnologias, além de contar com um mínimo de conhecimentos técnicos, é necessário discernir as possibilidades e os riscos que comportam. Isto implica ter presente, por exemplo, que tudo o que se faz numa rede social (escrever um e-mail, fazer uma chamada, enviar um *sms*, publicar um *post*, etc.), não é algo completamente privado. Outros podem ler, copiar ou alterar esses conteúdos, e pode ser que nunca cheguemos a saber quem o fez nem quando.

Além disso, o utilizador terá que promover uma atitude reflexiva para gerir eficazmente as numerosas possibilidades informáticas que se lhe apresentam. Com frequência, o imperativo ético “se deves, podes”, é – por interesses comerciais – substituído pela proposta “se podes, deves”. A prudência ajuda a relativizar o sentido de urgência com que algumas notícias ou ofertas comerciais nos são apresentadas, e a gastar o tempo necessário para tomar decisões no “mundo virtual” correspondam às necessidades reais. Trata-se, no fundo, de procurar o crescimento no ser, e não só no ter, pois também aos recursos informáticos se aplica aquela advertência de Jesus Cristo: «Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se a si mesmo e a causar a sua própria ruína?»[11]

Em certo sentido, as novas tecnologias apresentam *mundos* de informação, notícias, contactos, e cada um terá que refletir sobre como, nas suas circunstâncias, pode aproveitar estes recursos de uma maneira positiva, sem que o seu uso faça perder o domínio das próprias ações. Em qualquer caso, é preciso rejeitar aquela «ideia de autossuficiência da própria técnica, quando o homem, interrogando-se apenas sobre o como, deixa de considerar os muitos porquês pelos quais é impelido a agir»[12].

No entanto, não bastaria seguir uma “lista de regras” ou de “critérios” que provavelmente estaria superada em pouco tempo, num campo que evolui constantemente. Estas regras são úteis, porém o ideal é conseguir que o uso das novas tecnologias leve à melhoria integral da pessoa.

Por isso, é mais importante – e mais fascinante – concentrar os esforços em adquirir bons hábitos: em última análise, virtudes. Quem desenvolve um “estilo” virtuoso de utilizar os dispositivos eletrônicos e as redes sociais, sabe adaptar-se com facilidade às mudanças, e discernir as vantagens e os riscos dos avanços informáticos à luz da sua vocação cristã. Retomando umas palavras de S. Josemaria, poderíamos dizer que também aqui o ideal é converter-se em «alma de critério»[13].

Um novo campo para a formação

Normalmente, não se aprende a conduzir um carro sozinho: é necessário passar algum tempo com o instrutor ou algum familiar, que dá conselhos e mostra os perigos da estrada. Algo similar ocorre com o uso das novas tecnologias: notamos a importância de acompanhar os outros, especialmente se a pessoa que as começa a usar é muito jovem. É conveniente que adquira certa independência – como o motorista, que algum dia terá que conduzir o carro sozinho –, e para isso é necessário um trabalho educativo autêntico: «Vivemos numa sociedade da informação que nos satura indiscriminadamente de dados, todos ao mesmo nível, e acaba por nos conduzir a uma tremenda superficialidade no momento de enquadrar as questões morais. Por conseguinte, torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores»[14].

É lógico, portanto, que nos diversos centros educativos se preste uma crescente atenção à formação no uso virtuoso dos meios informáticos. Esta tarefa não se limita a alcançar uma simples “literacia tecnológica” ou a mostrar as últimas inovações, mas procurará que os jovens desenvolvam hábitos morais para as utilizarem com critério, aproveitando o tempo.

A formação não termina com a juventude: em todas as idades é natural apoiar-se no conselho de pessoas com mais experiência, familiares e amigos. Afinal, estamos diante de uma “extensão da vida quotidiana”, que compartilhamos com as outras pessoas. Por exemplo, para muitos, a direção espiritual pessoal é um bom momento para falar sobre os horários em que se utiliza a internet ou as redes sociais, para abordar algum problema ou mal-entendido que possa ter surgido ao utilizá-los, ou perguntar sobre iniciativas apostólicas que poderiam ser realizadas neste campo.

Nos próximos editoriais continuaremos a aprofundar sobre o uso virtuoso das novas tecnologias. Abordaremos hábitos e atitudes que, pelo caráter destes meios, são especialmente oportunos: temperança, estudo, recolhimento. Além disso, como muitos relacionamentos pessoais ocorrem habitualmente através do *ambiente digital*, também prestaremos atenção às virtudes mais relacionadas com a sociabilidade, que permitem cumprir a meta que S. Pedro propõe aos cristãos de estarem «sempre prontos a responder a todo aquele que vos pedir a razão da vossa esperança»^[15].

[1] cf. Bento XVI, Mensagem para a XLIII Jornada mundial das comunicações sociais, *Novas tecnologias, novas relações*, 24-I-2009.

[2] Bento XVI, Mensagem para a XLVII Jornada mundial das comunicações sociais, *Redes Sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços para a evangelização*, 24-I-2013.

[3] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1731.

[4] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 114.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 126.

[6] cf. Francisco, *Discurso ao Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais*, 21-IX-2013, n. 2.

[7] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 116.

[8] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 105.

[9] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 105.

[10] *Ef* 3, 16.

[11] *Lc* 9, 25.

[12] Bento XVI, Enc. *Caritas in veritate*, 29-VI-2009, n. 70.

[13] S. Josemaria, *Caminho*, Ao leitor.

[14] Francisco, *Evangelii gaudium* , 24-XI-2013, n. 64.

[15] *1 Pe* 3, 15.

NOTA FINAL

No tema da educação na família, além dos sete artigos incluídos no presente documento, convém destacar o documento "*Educação em Família*", que abrange vinte e um artigos sobre o mesmo tema.